

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA INTERNACIONAL

Tema do ano 2014/2015

«Discernir os sinais dos tempos»



Introdução

As ENS devem estar conscientes de que não estão apenas “face” ao mundo, mas também que fazem parte desse mesmo mundo. Constituídas por casais do nosso tempo, devem aprender a seguir pelo caminho que Cristo lhes propõe.

Face às dificuldades de comunicação que hoje se sentem, aos problemas de entendimento num mundo plural e até mesmo à dificuldade de obter consenso que se pode manifestar no seio do nosso Movimento, procuramos como dar resposta à mudança do paradigma da evangelização.

Chamar a atenção a título individual, em casal, em equipa, para a necessidade de crescer no conhecimento e na prática de um Deus que é Pai, que caminha a nosso lado neste mundo, é a intenção fundamental do tema que nos é proposto.

Respeitando totalmente o espírito de internacionalidade em que as ENS se têm desenvolvido e espalhado por todo o mundo, aparece-nos então de novo um tema que, mantendo o método escolhido pós Brasília, tem o Evangelho como centro da nossa vida. Desta vez, o Tema foi generosamente preparado por um grupo alargado de casais e conselheiros espirituais da Supra Região de França-Luxemburgo-Suíça.

A ERI propor-vos-á, seguindo o percurso iniciado em Brasília, um tema de estudo que constituirá uma ferramenta poderosa para nos ajudar a fazer um caminho de unidade. O Tema, ao ser trabalhado por todos, ainda que com a marca e a vivência cultural da equipa que o prepara, leva-nos a viver a internacionalidade, num caminho de respeito e humildade.

Não se pretende fazer um estudo exaustivo do tema, mas antes um caminho feito com o “OUTRO”, que nos compromete a ter uma atitude de escuta e de diálogo mais ampla.

Jesus respondeu-lhes: «Ao entardecer, vós dizeis: ‘Vamos ter bom tempo, pois o céu está avermelhado’; e, de manhã cedo, dizeis: ‘Hoje temos tempestade, pois o céu está de um vermelho sombrio.’ Como se vê, sabeis interpretar o aspecto do céu; mas, quanto aos sinais dos tempos, não sois capazes de os interpretar! Esta geração má e adúltera exige um sinal!...» (Mt 16,2-4). Que lamento está contido nestas frases, onde o Senhor nos mostra que não somos capazes de perceber o que temos à nossa frente!...

Os sinais de que ELE nos fala são as maravilhas que Ele próprio nos oferece para a nossa transformação e salvação e que nós teimamos em não querer ver.

“Discernir os sinais dos tempos é, diante do fascínio exercido pelas representações fictícias do amor, dar testemunho da beleza do amor humano segundo o desígnio de Deus”. É uma tarefa vital do homem que o leva a deixar -se encontrar por ELE.

Acreditamos que as ENS farão correr “**Rios de água viva**” ao cooperar com ELE nesta via que inspira, que provoca, mas que sobretudo nos orienta e nos ajuda a realizarmo-nos.

Pela Equipa Responsável Internacional

Tó e José Moura Soares

Apresentação do tema do ano: «Discernir os sinais dos tempos»

Na sequência do XI Encontro de Brasília, a Equipa Responsável Internacional enviou uma Carta a todos os membros das Equipas de Nossa Senhora para os convidar, com a força do Amor, a ir com audácia por todo o mundo para “ousar o Evangelho e fazer correr rios de água viva”.

De facto, o Padre Caffarel desejava que os casais das Equipas de Nossa Senhora, testemunhas do sacramento do matrimónio como caminho de Amor, de Bondade e de Santidade, fossem sinais de esperança e fermento para a Igreja e para o mundo.

Para nos acompanhar neste caminho, o tema escolhido para o ano 2014-2015 “*Discernir os sinais dos tempos*” vem propor-nos, à luz do Evangelho, que nos interroguemos sobre a evolução actual do mundo, sobre o lugar e o papel atribuídos ao homem de hoje, sobre o sentido e a dignidade da vida.

A tua palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos (Sl 118 (119), 105).

A Palavra de Deus, fonte de sabedoria e de dinamismo, será o ponto de partida da nossa reflexão. Deixemo-nos tocar, perturbar, ser empurrados por esta Palavra que o Papa Francisco qualifica de “*força libertadora e renovadora*”. Retornar às origens da nossa fé é a via mais segura para aperceber nos acontecimentos que vivemos, nas solicitações que encontramos, os verdadeiros sinais da presença e do desejo de Deus. Apenas um olhar de fé, consciente dos sofrimentos do mundo, mas cheio de esperança, pode contribuir para a construção de um mundo onde o Amor de Deus atingirá a sua plenitude.

Este tema é composto por oito capítulos:

- Olhar para o mundo de forma positiva
- Olhar para o mundo que se transforma
- Construir a civilização do amor
- O respeito pela pessoa humana
- O pobre, amado por Deus
- Estar presente para o outro
- Ser discípulo de Cristo hoje
- A universalidade da mensagem de Cristo

Cada capítulo está articulado à volta da Palavra de Deus comentada de forma breve, de uma apresentação geral do assunto e de três textos propondo cada um uma abordagem à questão.

Para aprofundar o máximo possível este tema do ano, são sugeridas pistas de reflexão para enriquecer cada uma das partes da reunião de equipa: pôr em comum, partilha, oração e discussão do tema. São igualmente sugeridas pistas para o dever de se sentar.

Uma questão «linha vermelha» irá balizar este percurso, sendo-vos proposta em cada reunião: «*Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?*»

Um salmo encerra cada capítulo.

Discernir os sinais dos tempos é um belo caminho. Conduz-nos a admirar o amor de Deus, a nele viver, a dele dar testemunho.

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°1

Olhar para o mundo de forma positiva

I – Palavra de Deus

«Serás fonte de bênçãos para os povos»

O SENHOR disse a Abraão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.» Abraão partiu, como o SENHOR lhe dissera, levando consigo Lot. Quando saiu de Haran, Abraão tinha setenta e cinco anos. Tomou Sarai, sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, assim como todos os bens que possuíam e os escravos que tinham adquirido em Haran, e partiram todos para a terra de Canaã, e chegaram à terra de Canaã (Gn 12, 1-5).

A atitude de Abraão nesta passagem faz dele o Pai e o modelo dos crentes: escuta a Deus e obedece-lhe sem esperar, confiando na promessa que lhe é feita, apesar da sua aparente inverosimilhança.

Esta confiança de Abrão no Amor de Deus é considerada no capítulo I da Encíclica Lumen Fidei como o acto fundador da Fé: «Esta Palavra comunica a Abraão uma chamada e uma promessa. Contém, antes de tudo, uma chamada a sair da própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado. A perspectiva, que a fé vai proporcionar a Abraão, estará sempre ligada com este passo em frente que ele deve realizar: a fé «vê» na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus.» (Lumen Fidei N°9).

II – Apresentação do capítulo «Olhar para o mundo de forma positiva»

Discernir os sinais dos tempos é querer compreender o que, no mundo de hoje, é sinal da presença de Deus.

A fé cristã tem os seus fundamentos na confiança no Amor de Deus e, portanto, na sua Palavra. Deus tem o poder de transformar o mundo. A esperança está no cerne da nossa fé.

O Papa Francisco nos seus Encontros com o Padre Spadaro s.j. põe-nos em alerta contra qualquer forma de derrotismo ou de pessimismo: “As lamentações que denunciam um mundo “bárbaro” acabam por fazer nascer no interior da Igreja desejos de ordem que podem ser entendidos como puro conservadorismo ou como reacção de defesa.” Estudos, Outubro de 2013.

Se queremos contribuir para a «vinda do Reino» é necessário aceitar mudar a forma como olhamos para o mundo, rever alguns dos nossos juízos e modificar alguns dos nossos comportamentos. Dar testemunho do amor de Deus é aceitar partir à descoberta do outro, daquele que não se parece connosco; dar testemunho do Amor de Deus é querer compreender aquilo que, no nosso mundo de hoje, é sinal da sua presença, é fazer alegremente o anúncio da Boa Nova. Ser cristão é arriscar a expor-se confiadamente a esse fogo.

Já a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* na sua Introdução (Cap. 1, 17) convidava “a Igreja a investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens ... conhecer e compreender o mundo em que vivemos.”

III - Documentos de reflexão

Escrutinar, interpretar os sinais dos tempos à luz do Evangelho

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático. Algumas das principais características do mundo actual podem delinear-se do seguinte modo.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e actividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa.

Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação traz consigo não pequenas dificuldades. Assim, o homem, que tão imensamente alarga o próprio poder, nem sempre é capaz de o pôr ao seu serviço. Ao procurar penetrar mais fundo no interior de si mesmo, aparece frequentemente mais incerto a seu próprio respeito. E, descobrindo gradualmente com maior clareza as leis da vida social, hesita quanto à direcção que a esta deve imprimir.

Interpretar os sinais dos tempos à luz do evangelho para responder às eternas questões dos homens

Nunca o género humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio económico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido da liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica. Ao mesmo tempo que o mundo experimenta intensamente a própria unidade e a interdependência mútua dos seus membros na solidariedade necessária, ei-lo gravemente dilacerado por forças antagónicas; persistem ainda, com efeito, agudos conflitos políticos, sociais, económicos, «raciais» e ideológicos, nem está eliminado o perigo duma guerra que tudo subverta. Aumenta o intercâmbio das ideias; mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muito diferentes segundo as diversas ideologias. Finalmente, procura-se com todo o empenho uma ordem temporal mais perfeita, mas sem que a acompanhe um progresso espiritual proporcionado.

Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução actual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta.

Constituição pastoral *Gaudium et Spes* – Introdução

Ver Deus agir neste mundo

... Poder-se-á dizer que, para um certo número de cristãos e mesmo de teólogos, havia antes do Concílio Vaticano II uma espécie de divórcio entre a lógica da Revelação e da fé e a lógica do desenvolvimento do mundo. Ora, o que o Concílio pretendeu antes de tudo, foi olhar para o mundo com um novo olhar, não para condenar, mas para tomar consciência de que o Espírito de Deus, que está na obra desde a criação, continua a agir neste mundo e a produzir frutos para o bem do homem. Tudo isto não faz desaparecer os defeitos do nosso mundo, nem os erros dos homens, nem o seu pecado. Mas permite-nos tomar melhor consciência de que há na experiência humana forças reais, sobre as quais nos podemos apoiar para construir um mundo melhor.

Esta perspectiva, este olhar amoroso sobre o mundo, foi uma das intuições de fundo do Concílio Vaticano II. Este olhar amoroso sobre o mundo traz também uma certa forma de compreender o homem. Os mais velhos de entre vós, ou aqueles que têm lido muito, recordar-se-ão talvez que, imediatamente a seguir à segunda guerra mundial, certas correntes de pensamento não encaravam a afirmação do homem sem ser pela negação de Deus. A relação entre Deus e o homem passava necessariamente por uma espécie de eliminação mútua: se Deus existe não existe o homem e se existe o homem Deus não existe. Foi esta lógica infernal que atravessou as nossas sociedades e que constituiu uma espécie de conflito permanente entre o progresso da humanidade e o progresso da fé em Deus. O Concílio pretendeu tornar evidente que este conflito era uma construção artificial. Tinha sido elaborado por pessoas que reflectiram, que propuseram a sua teoria, mas que não correspondia à realidade do universo.

O homem está no mundo porque Deus o quis e Deus quis o homem para ser seu parceiro. E esta parceria entre Deus e o homem fundamenta-se essencialmente sobre a capacidade que cada homem tem em si de escolher e viver em liberdade. É porque o homem é livre que se pode tornar parceiro de Deus ... É porque o homem é livre que pode responder a Deus, e não podemos fazer progredir a humanidade na sua relação com Deus se não trabalharmos permanentemente no desenvolvimento dessa liberdade, na eliminação do que a impede de existir, na construção de condições de uma escolha livre na existência humana.

Foi esta a grande iniciativa, a grande intuição do Concílio Vaticano II, que foi retomada de forma magistral na constituição *Gaudium et Spes*. Esta constituição, juntamente com os textos do Concílio, comprometeu-nos definitivamente numa relação de diálogo com o mundo e não numa relação de condenação do mundo.

Cardeal André Vingt-Trois, arcebispo de Paris, aos Bispos de França, Março 2012

Viver com os olhos de Deus

«Era uma vez um homem de idade avançada sentado à entrada de uma cidade do Médio Oriente. Um homem mais novo aproximou-se e disse-lhe: Nunca estive aqui; como são as pessoas que vivem nesta cidade? O homem velho respondeu-lhe com uma pergunta: Como eram as pessoas na cidade de onde vieste? Egoístas e más. Aliás, foi por essa razão que fiquei muito contente por me vir embora, disse o jovem. O velho respondeu-lhe: encontrarás as mesmas pessoas aqui. Um pouco mais tarde, um outro jovem aproximou-se dele e fez-lhe exactamente a mesma pergunta. Acabo de chegar a esta região; como são as pessoas que vivem nesta cidade? O velho também lhe respondeu: diz-me, meu rapaz, como eram as pessoas na cidade de onde vieste? Eram boas e acolhedoras, honestas; deixei lá bons amigos; foi para mim muito difícil vir-me embora, respondeu o jovem. Encontrarás os mesmos aqui, respondeu o velho. Um mercador, que dava de beber aos seus camelos não longe dali, ouviu as duas conversas. Quando o segundo jovem

se afastou, dirigiu-se ao velho
duas respostas completamente
feita por duas pessoas? Aquele
também o seu olhar sobre os
Cada um traz o seu universo no

*Viver com os olhos de Deus
é olhar para o mundo com
esperança*

criticando-o: como podes dar
diferentes à mesma pergunta
que abre o seu coração muda
outros, respondeu o velho.
seu coração».

... Nós vemos o que vemos a partir daquilo que somos. Por detrás de certas realidades da vida que são complexas e por vezes dolorosas, há aquelas e aqueles cuja vida é uma chaga lancinante e há também as mulheres e os homens que a percorrem com uma certa doçura. Estamos todas e todos marcados pelas nossas respectivas histórias. O essencial é encontrar nos nossos caminhos pessoas que nos dêem a mão e nos levantem quando tropeçamos. Elas são o sinal visível da presença de Deus no cerne da nossa humanidade. Elas convidam-nos a ver e, sobretudo, a viver a vida de uma forma diferente. De facto, pelo nosso coração a visão do mundo transforma-se totalmente porque a fé, a esperança e o amor são os olhos através dos quais progredimos no nosso percurso enquanto crentes. Desde logo, viver com os olhos de Deus é olhar para o mundo com fé, quer dizer, ter sempre confiança no outro, reconhecer que mesmo que aconteça que ele se perca, poderá sempre recuperar e reencontrar-se para caminhar outra vez de pé pelo caminho da vida. Há, portanto, essa confiança no ser humano apesar das suas fraquezas.

Depois, viver com os olhos de Deus é olhar para o mundo com esperança. A esperança abandonaria para sempre o nosso coração se não houvesse sinais que nos dissessem que o tempo é, por vezes, esse período que um ser humano necessita para fazer as suas próprias descobertas e amadurecer dos seus fracassos... O amor permite-nos respeitar o caminho pessoal de todo o ser humano, de o acompanhar mesmo se ele se engana e, sobretudo, alegrarmo-nos quando ele regressa para si mesmo. O amor é sempre matizado de compaixão, permitindo assim ser-se capaz de viver o perdão ou, melhor ainda, a reconciliação. Ter fé, esperança e amor permite-nos ter uma perspectiva diferente sobre o mundo porque, cada um de nós, traz o universo no seu coração. *Ámen.*

Philippe Cochinaux o.p.

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

O nosso casal e a sua relação com o mundo de hoje: esperança, angústia, fuga.

Significado para nós de “seguir a Cristo”, a sós, em casal: dificuldades e alegrias encontradas.

Habitarmo-nos a ver, diariamente, com um olhar de fé o nosso cônjuge: tempo para o perdão, para a escuta

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

Acontecimentos vividos este mês na esperança cristã, acontecimentos vividos na tentação da fuga para si mesmo.

Que sinais da presença de Deus temos sentido nas nossas vidas?

Oração

O SENHOR disse a Abraão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.» (Gn 12, 1-3).

A fé «vê» na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus

Lumen Fidéi N°9, Carta Encíclica do Papa FRANCISCO

Partilha - Algumas pistas

A oração, fonte de comunhão com o mundo e escola de esperança. Temos exemplos para dar?

Em que circunstâncias a leitura da Palavra nos ajudou a ter um olhar de fé sobre os outros e sobre o mundo em que vivemos?

A nossa regra de vida permite que nos libertemos das nossas dormências e das nossas cegueiras diárias?

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

O conflito entre o progresso da humanidade e o progresso da fé em Deus: uma construção artificial?

Que relação estabelecer com o mundo em que vivemos: escuta, diálogo? Condenação? Acção? Que incidências concretas na nossa vida?

Como é que a fé, a esperança e o amor transformam a nossa visão do mundo?

Salmo 19 (18)

Os céus proclamam a glória de Deus;
o firmamento anuncia a obra das suas mãos.
Um dia passa ao outro esta mensagem
e uma noite dá conhecimento à outra noite.

Não são palavras nem discursos
cujo sentido se não perceba.
O seu eco ressoou por toda a terra,
e a sua palavra, até aos confins do mundo.

Deus fez, lá no alto, uma tenda para o Sol,
donde ele sai, como um esposo do seu leito,
a percorrer alegremente o seu caminho, como um herói.

Sai de uma extremidade do céu
e, no seu percurso, alcança a outra extremidade.
Nada escapa ao seu calor.

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°2

Olhar para o mundo que se transforma

I – Palavra de Deus

«Toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente»

«Estou convencido de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós. Pois até a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus... na esperança de que também ela será libertada da escravidão da corrupção, para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus. Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente. Não só ela. Também nós, que possuímos as primícias do Espírito, nós próprios gememos no nosso íntimo, aguardando a adopção filial, a libertação do nosso corpo. De facto, foi na esperança que fomos salvos. Ora uma esperança naquilo que se vê não é esperança. Quem é que vai esperar aquilo que já está a ver?» (Rom 8, 18-24).

Eis um hino magnífico que canta a confiança do cristão no amor de Deus. Num arrebatamento poderoso, Paulo leva-nos dos «sofrimentos do tempo presente» para as alturas da «glória dos filhos de Deus». Espera, gemidos, libertação, aspiração, nascimento... Este impulso profundo da fé conduz à única realidade sólida: somos filhos de Deus! O que somos vai ser revelado: as primícias do espírito tornam-se realidade. Nós transformamo-nos.

Este hino da esperança ajusta o nosso olhar sobre o mundo dos homens mas também sobre a criação que é a casa comum da humanidade.

II - Apresentação do capítulo «Olhar para o mundo que se transforma»

Discernir os sinais dos tempos é considerar as transformações do mundo como etapas do seu desenvolvimento, no qual Deus nos chama a participar.

Deus criou o mundo mas a criação não está acabada, ela continua e nós devemos participar na sua conclusão: *“Deus quis criar o mundo em «estado de caminho» para a perfeição última”* CIC 310*. Ele confiou ao homem a responsabilidade de *“submeter a terra e de a dominar”* (Gn 1, 26-28).

A capacidade do homem para transformar o mundo é uma boa resposta ao desejo de Deus. *“A norma da actividade humana é ser conforme com o verdadeiro bem da humanidade e tornar possível ao homem... realizar a sua vocação integral”* (Gaudium et Spes 35, 2). A ciência e a técnica são recursos preciosos para facilitar o progresso humano; mas é necessário vigiar, tal como nos convida S. Paulo, para que *«não vos conformeis com este mundo”* (Rom. 12, 2), isto é, *com aquele espírito de vaidade e malícia que transforma a actividade humana, destinada ao serviço de Deus e do homem, em instrumento de pecado»* (Gaudium et Spes 37, 3).

A liberdade com que o homem foi dotado implica para ele “a possibilidade de escolher entre o bem e o mal” CIC 1730/1732*. Mas, desde o pecado original, a natureza humana está enfraquecida e inclinada para o mal. O nascimento do Reino de Deus, como nos diz S. Paulo, não poderia acontecer sem sofrimentos e dificuldades. Impõe-se o combate espiritual contra todas as formas de mal. Qualquer manifestação de decadência contém em si mesma o germe de uma nova realidade. Resignarmo-nos, ficarmos passivos, é renunciarmos a ser “os cooperadores de Deus” (1Cor. 3,9). Todo o homem, consoante o lugar que ocupa e o papel que desempenha, tem a sua parte na promoção do bem comum.

«Deus, que te criou sem ti, não te salvará sem ti», S. Agostinho.

* CIC: Catecismo da Igreja Católica

III - Documentos de reflexão

Ajudar a natureza a florescer seguindo a linha desejada por Deus

460 O homem não deve, portanto, esquecer que «a sua capacidade de transformar e, de certo modo, criar o mundo com o próprio trabalho... se desenrola sempre sobre a base da doação originária das coisas por parte de Deus»^[965]. Ele não deve «dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não deve trair»^[966]. Quando se comporta deste modo, «em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza, mais tiranizada que governada por ele»^[967].

Se o homem intervém na natureza sem abusar e sem a danificar, pode dizer-se que «intervém não para modificar a natureza mas para a ajudar a desenvolver-se segundo a sua essência, aquela da criação, a mesma querida por Deus. Trabalhando neste campo, evidentemente delicado, o investigador adere ao desígnio de Deus. Aproveite a Deus que o homem fosse o rei da criação»^[968]. No fundo é o próprio Deus que oferece ao homem a honra de cooperar com todas as forças da inteligência na obra da criação.

472 Nos últimos anos, impôs-se com força a questão do uso das novas biotecnologias para fins ligados à agricultura, à zootecnia, à medicina e à protecção do ambiente. As novas possibilidades oferecidas pelas actuais técnicas biológicas e um lado, esperanças e outro lado, alarme e hostilidade. As biotecnologias, a sua vista moral, as suas saúdes do homem, o seu impacto sobre o ambiente e sobre a economia, constituem objecto de estudo aprofundado e de vívido debate. Trata-se de questões controversas que envolvem cientistas e pesquisadores, políticos e legisladores, economistas e ambientalistas, produtores e consumidores. Os cristãos não ficam indiferentes a estas problemáticas, conscientes da importância dos valores em jogo^[1001].

Deus oferece ao homem a honra de cooperar com todas as forças da inteligência na obra da criação

biogénicas suscitam, de entusiasmos e, de outras aplicações das legalidades do ponto de consequências para a

Extractos do Compêndio da Doutrina Social da Igreja (DSI)

O que significa o progresso para o homem, que lugar para a sua liberdade?

22. ... Antes de mais, devemos perguntar-nos: o que é que significa verdadeiramente «progresso»; o que é que ele promete e o que é que não promete? No século XIX, já existia uma crítica à fé no progresso.... Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do

homem interior (cf. Ef 3,16; 2 Cor 4,16), então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo.

24 a) O recto estado das coisas humanas, o bem-estar moral do mundo não pode jamais ser garantido simplesmente mediante as estruturas, por mais válidas que estas sejam. Tais estruturas são não só importantes, mas necessárias; todavia, não podem nem devem impedir a liberdade do homem. Inclusive, as melhores estruturas só funcionam se numa comunidade subsistem convicções que sejam capazes de motivar os homens para uma livre adesão ao ordenamento comunitário. A liberdade necessita de uma convicção; esta não existe por si mesma, mas deve ser sempre novamente conquistada comunitariamente.

b) Visto que o homem permanece sempre livre e dado que a sua liberdade é também sempre frágil, não existirá jamais neste mundo o reino do bem definitivamente consolidado. Quem promettesse o mundo melhor que duraria sempre, faria uma promessa humana. A liberdade deve ser conquistada para o bem. Acontece simplesmente por estruturas que fixassem de modo irrevogável uma determinada – boa – condição do mundo, ficaria negada a liberdade do homem e, por este motivo, não seriam de modo algum, em definitivo, boas estruturas.

*Se ao progresso técnico não
corresponde um progresso na
formação ética do homem..., então
não é um progresso*

irrevogavelmente para
falsa; ignora a liberdade
ser incessantemente
livre adesão ao bem nunca
si mesma. Se houvesse

Bento XVI, Spe Salvi

Olhares falsos sobre Deus, falsos olhares sobre o mundo

...Porque é então que os desiludidos do ateísmo não se dirigem aos cristãos?

- porque os cristãos parecem não encontrar a felicidade na sua fé em Deus
- porque, a todos os níveis, mostram pouca vontade de falar de Deus. Um jornalista, não sem um humor cruel, referia-se ultimamente a essa Igreja que já não sabe falar de Deus como «a Igreja do silêncio»
- enfim, porque a imagem de Deus que os cristãos deixam entrever pelos seus comportamentos, eventualmente pelas suas palavras, não é nada atraente.

É a este falso rosto de Deus que, sem qualquer dúvida, se referiam os redactores da *Gaudium et Spes* quando escreviam esta frase *podem ter tido parte não* Todos nós temos um terrível seguinte questão: os que nos não conhecer o verdadeiro vo-la coloco, pensem em particular nos filhos que Deus vos confiou.

*Encontrar a felicidade na
fé em Deus*

inesperada e severa: «os crentes pequena na génese do ateísmo...». exame de consciência a partir da vêem e nos escutam não se arriscam a rosto de Deus? Pais e mães, quando

Os falsos rostos de Deus

Um destes falsos rostos é particularmente intolerável para os nossos contemporâneos: o Deus vingador da ordem transgredida. Quer seja a ordem moral, a ordem lógica ou a ordem social.

O Deus da ordem moral

Um Deus professor de moral, que vigia, espia, ameaça. Além disso, susceptível, rancoroso, vingador...Daí essa angústia insidiosa que rói a consciência de muitos cristãos, mesmo entre os melhores quando não acabam por virar as costas a esse «Deus para os justos», a esse «Pai sádico», como Freud atrozmente lhe chamava... Cristo disse: «Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt 9,13)

O Deus da ordem lógica, racional

O Deus dos filósofos. Um Deus de quem a razão demonstra a existência, descreve as perfeições, um Deus pedra angular das grandes arquitecturas doutrinárias. Um Deus frio como uma ideia, decepcionante como um sistema...: o Deus da Inquisição e dos seus sucedâneos continua ameaçador.

O Deus da ordem social

Não se sabe bem se foi Deus que fez uma aliança com o poder ou se foi o poder que fez uma aliança com Ele. É que sempre houve um conluio entre os dois: foi o imperador, depois o «rei muito cristão», são hoje os governantes, os que têm haveres, os ricos... Como poderiam admiti-lo os oprimidos, os que não têm pão, trabalho, afecto?

Não pensam que há cristãos e não cristãos, e até mesmo os vossos filhos, poderão com frequência ter imaginado que uma ou outra destas caricaturas representava o verdadeiro rosto de Deus?... É verdade que, em contraponto, outros cristãos – ou os mesmos – terão com frequência apresentado pelas suas propostas e maneiras de agir um «bom Deus» tranquilizador. Esse outro rosto de Deus é mais sedutor? Esse Deus companheiro, bom rapaz, avozinho mais do que verdadeiramente pai, esse Deus «remendão, pronto-socorro, agente de seguros», também contribuiu muito para decepcionar os homens, para favorecer o ateísmo...

O que é sem dúvida ainda mais chocante para a geração jovem, para o ateu, ou o candidato a ateu, é o corte, na existência de tantos «bons cristãos», entre as suas relações com Deus e as suas vidas. Atentemos aos seus propósitos: não se fala senão de conforto, de férias, de carro mais moderno, de segunda habitação e de todas as preocupações monetárias que lhes estão associadas; debatem o último espectáculo, eventualmente dissoluto, o último prémio literário; é imprescindível estar-se sempre actualizado! Criticam homens políticos, parentes, amigos, Igreja... Onde está a influência de Deus em tudo isso?

Compreendem agora porque é que os que procuram raramente se lembram de se dirigir aos cristãos? E porque é que os Padres Conciliares aprovaram esta pequena frase: «os crentes podem ter tido parte não pequena nesta génese do ateísmo»?

Henri Caffarel – As Equipas de Nossa Senhora - [Face ao ateísmo](#) (p140)

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

Enquanto casal, que imagem damos de Deus aos nossos filhos e aos que nos são próximos?

Que espaço dedicamos, como casal, para desempenhar o papel que nos compete enquanto «cooperadores de Deus» no mundo?

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

No decorrer do mês que passou, que influência teve Deus nas nossas vidas?

Oração

«Estou convencido de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós. Pois até a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus... na esperança de que também ela será libertada da escravidão da corrupção, para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus. Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente. Não só ela. Também nós, que possuímos as primícias do Espírito, nós próprios gememos no nosso íntimo, aguardando a adopção filial, a libertação do nosso corpo. De facto, foi na esperança que fomos salvos. Ora uma esperança naquilo que se vê não é esperança. Quem é que vai esperar aquilo que já está a ver? (Rom 8, 18-24).

Partilha - Algumas pistas

Em que é que a nossa súplica, a nossa oração e a escuta da palavra de Deus nos ajudaram a fazer escolhas na nossa vida com referência no Evangelho? A praticar a Esperança face às mutações do nosso mundo?

A nossa regra de vida faz crescer em nós a responsabilidade de cristãos no mundo?

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

Que uso fazemos da nossa capacidade para transformar e criar o mundo com o próprio trabalho, sobre a base da doação originária das coisas por parte de Deus (DSI N°460)?

«*Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, então não é um progresso*». Que reflexões suscita em nós esta afirmação?

Que atitudes ou comportamentos, como sugere o Padre Caffarel, servem para difundir falsos rostos de Cristo e gerar à nossa volta um certo ateísmo?

Salmo 85 (84)

Volta-te para nós, ó Deus, nosso salvador,
afasta de nós a tua indignação!
Estarás para sempre indignado contra nós,
ou irás prolongar pelos séculos o teu furor?

Não tornarás a dar-nos a vida,
para que o teu povo se alegre em ti?
Mostra-nos, SENHOR, a tua misericórdia,
concede-nos a tua salvação.

Prestarei atenção ao que diz o SENHOR Deus;
Ele promete paz
para o seu povo e para os seus amigos

O amor e a fidelidade vão encontrar-se.
Vão beijar-se a justiça e a paz.
Da terra vai brotar a verdade
e a justiça descerá do céu.

O próprio SENHOR nos dará os seus bens
e a nossa terra produzirá os seus frutos.
A justiça caminhará diante dele
e a paz, no rasto dos seus passos.

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°3

Construir a «civilização do amor»

I – Palavra de Deus

Deus criou o homem a sua imagem

Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.

Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra» (Gn 1, 27-28).

“O SENHOR Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.»

Então, o SENHOR Deus, após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse.

O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele.

Então, o SENHOR Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o SENHOR Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem.

Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!»

Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne. (Gn 2,18-24).

No Génesis encontramos duas narrações da criação.

A primeira é decisiva: dá sentido à história da humanidade desde o princípio até ao fim. O homem - «homem e mulher Ele os criou» - foi feito à imagem de Deus: o amor que flui em Deus, flui entre o homem e a mulher. Tudo parte dessas semelhanças no amor. No fim dos tempos, este amor recebido de Deus florescerá: nós veremos a Deus, «seremos semelhantes a Ele» (1 Jo 3,2). O objectivo do mundo é o amor.

A segunda é mais existencial, mas pressupõe a primeira. Está centrada na solidão do homem. Deus apresenta-lhe os animais dos campos, as aves dos céus aos quais o homem dá um nome, apoderando-se deles. Mas não é suficiente. Deus apresenta-lhe a mulher. Aí está o amor, semelhança com Deus, mas que também é necessário construir: eles não se conhecem e têm de se descobrir um ao outro; depois, diferentes, complementares, são feitos um para o outro; por fim, constata-se o essencial: «os dois serão uma só carne». Caminho magnífico de amor conjugal oferecido por Deus, sinal da civilização de amor a ser construída.

II - Apresentação do capítulo «Construir a «civilização do amor»

Discernir os sinais dos tempos é, diante do fascínio exercido pelas representações fictícias do amor, dar testemunho da beleza do amor humano segundo o desígnio de Deus.

A primeira manifestação do amor é a descoberta de uma felicidade insuspeita até então. Sim, é do amor que surge a felicidade, porque o Deus, foi feito para o amor. A subtrair no Gn 2,18 «Não é só; vou dar-lhe uma auxiliar revelada. Deus, que criou o homem por amor, chamou-o também ao amor, aspiração fundamental e inata de todo o ser humano. «A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador (CIC 1603). No matrimónio, como em qualquer sacramento, Cristo parte de uma realidade humana para dela fazer uma realidade santa. O homem e a mulher tornam-se a imagem da sua união com a Igreja.

... O amor apenas pode ser preservado pelo Amor

homem, segundo o desígnio de incompletude a que Deus nos quis conveniente que o homem esteja semelhante a ele.» é-nos então

Desde que decidimos optar por um relacionamento a longo prazo, a fidelidade impõe-se, não como um constrangimento mas como fundamento de um projecto livremente escolhido e fonte de esperança para superar os desafios do tempo. O consentimento que os esposos trocam entre si exprime essa vontade de “fazer aliança”. O mistério pascal está no cerne do mistério conjugal: renúncias, pequenas mortes que são necessárias para nascer para um amor cada vez maior à imagem do amor que Deus nos traz. Cristo, fonte da graça ligada ao sacramento do matrimónio, acompanha-nos ao longo de toda esta estrada.

Se é verdade que Deus nos quer libertar da incompletude, fazemos contudo a experiência de uma solidão que, longe de ser negativa, nos abre a Deus, fonte de plenitude e de Amor. É assim que, progressivamente, o nosso sim quotidiano um ao outro nos faz aceder a uma nova dimensão do amor, numa dinâmica que vai para além dos nossos simples recursos humanos para nos conduzir a Deus.

III - Documentos de reflexão

O «Nós» divino constitui o modelo eterno do «nós» humano

À luz do Novo Testamento, é possível vislumbrar como o modelo originário da família deve ser procurado no próprio Deus, no mistério trinitário da sua vida. O «Nós» divino constitui o modelo eterno do «nós» humano; e, em primeiro lugar, daquele «nós» que é formado pelo homem e pela mulher, criados à imagem e semelhança de Deus. As palavras do livro do Génesis encerram em si aquela verdade sobre o homem, que corresponde à própria experiência da humanidade. O ser humano é criado, desde «o princípio», como homem e mulher: a vida da colectividade humana — tanto das pequenas comunidades como da sociedade inteira — está marcada por esta dualidade primordial. Dela derivam a «masculinidade» e a «feminilidade» dos simples indivíduos, tal como daí recebe cada comunidade a própria riqueza característica, no recíproco complemento das pessoas. A isto mesmo parece aludir a citação do livro do Génesis: «Ele os criou homem e mulher» (Gn 1, 27). ...

A família foi sempre considerada como a primeira e fundamental expressão da *natureza social* do homem. ...

O matrimónio, o matrimónio sacramento, é uma aliança de pessoas no amor. E *o amor pode ser aprofundado e guardado* apenas pelo Amor, aquele Amor que é «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi concedido» (Rom 5, 5).

O Apóstolo, dobrando os joelhos diante do Pai, implora-Lhe que «vos conceda (...) *que sejais poderosamente fortalecidos pelo seu Espírito quanto ao crescimento do homem interior*» (Ef 3, 16). Esta «força do homem interior» é necessária na vida familiar, especialmente nos seus momentos críticos, ou seja, quando o amor, que no rito litúrgico do consentimento conjugal foi expresso pelas palavras: «Prometo ser-te fiel, (...) por toda a nossa vida», é chamado a superar um difícil exame. ...

Ao perguntar: «Estais dispostos?», a Igreja recorda aos noivos que eles se encontram *perante o poder criador de Deus*. São chamados a tornar-se pais, ou seja, a cooperar com o Criador no dom da vida. Cooperar com Deus no chamamento à vida de novos seres humanos, significa contribuir para a transmissão daquela imagem e semelhança divina, de que é portador todo o «nascido de mulher».

João Paulo II – Carta às famílias – 1994, Ano da família

Deus está empenhado em que o homem seja Feliz

Sem dúvida alguma, Deus quer que cada ser humano, no decorrer da sua evolução, experimente a felicidade. Porque é importante para ele que o homem sinta o gosto da felicidade; e não apenas que lhe sinta o gosto, mas para que, uma vez que a experimentou, creia que é possível. E, portanto, que a deseje, que a persiga. Deus assim o quer, não apenas porque essa fé na felicidade contribui imenso para a saúde do corpo e da alma – perdê-la é já quase morrer – mas sobretudo porque ela orienta o homem para Ele... Numa palavra, a vida de Deus é felicidade e, portanto, a vida eterna que propõe ao homem é já uma antecipação dessa felicidade. Mas como se comprometeria com esta religião da felicidade quem não tivesse sentido o gosto da felicidade? É o privilégio do amor conjugal que faz brotar essa aspiração – que, para muitas pessoas, não é mais do que uma brasa sob as cinzas antes do encontro com o amor – e, por ela, iniciar a caminhada ao encontro da felicidade de Deus. Mas como é frágil essa experiência da felicidade! Demasiado efémera! Serão muito raros os lares que justificam a definição de casamento proposta pelo arcebispo ortodoxo Inocente Borissov: “o que resta do paraíso sobre a terra”. O que não impede que, mesmo se de curta duração, essa experiência seja capital. Frágil e efémera não são sinónimos de enganadora...

Muitas razões explicam a sua precariedade. Uns confundem a felicidade com o prazer e, ao irem atrás do segundo, perdem o primeiro embora o tenham, um dia, de facto descoberto... Outros procuram nele um absoluto: destroem assim a felicidade e o ser amado, ao exigirem deles aquilo que não são capazes de dar...

Mas, felizmente, há aqueles para quem esta experiência continua a ser a grande experiência. Não há dúvidas de que, com os anos, se perde a vivacidade e a espontaneidade iniciais, mas é em benefício de uma lucidez, de uma profundidade, de uma solidez que o amor na sua primavera bem conscientes de que não não podia conhecer. Esses estão absolutos, mas aprenderam a ver, na felicidade que brota do seu amor, a promessa de uma outra felicidade que, em conjunto, perseguem e de que já antecipam o sabor.

Casamento: «o que resta do paraíso sobre a terra!»

P. Henri Caffarel - L'Anneau d'or N°117-118

O matrimónio: apoio e protecção contra as miragens da paixão

O acto mútuo em que os esposos empenham este amor conjugal específico como realidade vivida e não como simples projecto de futuro é precisamente aquele que, por eles, faz nascer uma instituição indissolúvel diante de Deus e da própria sociedade. A instituição nasce do acto de amor e o amor conjugal encontra nela apoio e protecção contra as miragens passageiras da paixão. O verdadeiro amor conjugal não está limitado ou impedido pela instituição do casamento e o seu dinamismo não tem limitações, obstáculos ou bloqueios... O casamento enquanto instituição não existiria se não houvesse amor conjugal e um não pode acontecer sem dar lugar ao outro.

Este duplo aspecto da realidade designado biblicamente como «uma só carne» pode ser continuamente enriquecido de acordo com as leis da sua própria dinâmica, que consiste em envolver a vida quotidiana pessoal e comunitária nas exigências desse dom inicial... Considerar o dinamismo da vida conjugal como um fruto do amor ao qual se oporiam as leis da unidade e da indissolubilidade, bem como as finalidades intrínsecas do matrimónio... como se o amor conjugal fosse em si mesmo indiferente a esta ou aquela das suas características, é uma deformação do espírito... independentemente do amor que existia durante o noivado, os esposos são agora obrigados a amar-se através de uma ligação especial. Anteriormente, podiam deixar de se amar, agora o compromisso de se entregarem mutuamente obriga-os a tornar efectivo o dom das suas próprias vidas. Este dom mútuo, segundo o qual os cônjuges se tornaram marido e mulher. Deve ser actualizado ao longo de toda a vida através das provas quotidianas de afecto e das obras de amor.

O exercício quotidiano do amor conjugal vivido no dom e na generosidade pode, além de reflectir o amor já existente, fazê-lo crescer e elevar até à plenitude. Se o casamento pressupõe o amor, o amor conjugal é, por sua vez, um fruto do matrimónio, pois neste o amor deve ser uma forma particular de amizade que nos leva a partilhar tudo generosamente, sem cálculos egoístas. É neste contexto que se situa a união particular e específica dos esposos, sinal de amor e meio de desenvolvimento possível...

Se o casamento pressupõe o amor, o amor conjugal é, por sua vez, um fruto do matrimónio

Francisco Gil Hellin

Arcebispo de Burgos - Antigo Secretário do Conselho Pontifical para a Família

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

Fazemos parte dos casais que pensam, como o arcebispo ortodoxo Inocente Borissov, que o casal é “o que resta do paraíso sobre a terra”?

Que sinais quotidianos de afecto damos um ao outro para actualizar, sem cessar, esse dom mútuo pelo qual nos tornámos marido e mulher?

Com o passar dos anos, o «nosso amor ganha em lucidez, profundidade e solidez o que talvez tenha perdido em vivacidade e jovialidade», como dizia o P. Caffarel?

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

O amor conjugal, fonte de dons e de generosidade.

Oração

“O SENHOR Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.»

Então, o SENHOR Deus, após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele.

Então, o SENHOR Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o SENHOR Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!»

Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne.

Gn 2,18-24

Partilha - Algumas pistas

Lugar e papel da escuta da Palavra na nossa vida de casal e de família.

A oração conjugal na nossa vida de casal.

O dever de se sentar, fonte de conhecimento entre esposos.

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

O verdadeiro amor conjugal não é limitado ou impedido pela instituição do casamento e o seu dinamismo não tem limitações, obstáculos, bloqueios...

A fidelidade no casal não pode ser considerada como uma restrição, mas antes como a vontade de fundar um projecto de vida a longo prazo.

O amor conjugal, promessa de uma outra Felicidade (P. Caffarel).

Salmo 126 (125)

Quando o SENHOR mudou o destino de Sião,
parecia-nos viver um sonho.

A nossa boca encheu-se de sorrisos
e a nossa língua de canções.
Dizia-se, então, entre os pagãos:
«O SENHOR fez por eles grandes coisas!»
Sim, o SENHOR fez por nós grandes coisas;
por isso, exultamos de alegria.

Transforma, SENHOR, o nosso destino,
como as chuvas transformam o deserto do Négueb.

Aqueles que semeiam com lágrimas,
vão recolher com alegria.
À ida vão a chorar,
carregando e lançando as sementes;
no regresso cantam de alegria,
transportando os feixes de espigas.

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°4

O respeito pela pessoa humana

I – Palavra de Deus

«Coragem, levanta-te, que Ele chama por ti...»

«Chegaram a Jericó. Quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, o filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. E ouvindo dizer que se tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar e a dizer: «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!» Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais: «Filho de David, tem misericórdia de mim!». Jesus parou e disse: «Chamai-o.» Chamaram o cego, dizendo-lhe: «Coragem, levanta-te que Ele chama por ti.» E ele, atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe: «Que queres que te faça?» «Mestre, que eu veja!» - respondeu o cego. Jesus disse-lhe: «Vai, a tua fé te salvou!» E logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho. (Mc 10, 46-52)

Bartimeu é célebre. A sua personalidade é forte. Cego, mendicante, é curado por Jesus que se dá conta da sua fé. Primeiro – primeiro acto de fé – ouve Jesus passar. Imediatamente crê nele. Segundo acto de fé: grita o mais que pode, embora a multidão queira obrigá-lo a calar-se; a adversidade não o faz parar. A sua fé ultrapassa todos os obstáculos. Terceiro acto de fé: É chamado por Jesus através daqueles que, antes, o repreendiam. De imediato dá um salto e vai ter com Jesus, atirando fora a capa porque, uma vez curado, já não vai precisar dela. Quarto acto de fé: Jesus faz apelo à sua liberdade («Que queres que te faça?»). Ele pede a visão. Diálogo estranho? Não, a verdade é que há entre nós muitos que não sabem de que males padecem! Último acto de fé: ele segue os caminhos de Jesus, torna-se seu discípulo.

Jesus cura Bartimeu destacando toda a sua fé. Este homem tornou-se o símbolo do nosso itinerário. O respeito de Jesus por cada um de nós. O respeito do cristão pelos caminhos tão variados dos homens; temos de destacar a procura da verdade que aponta um caminho neste mundo.

II - Apresentação do capítulo «O respeito pela pessoa humana»

Discernir os sinais dos tempos é observar e analisar os riscos de desumanização das nossas sociedades para melhor os combater à luz do Evangelho.

Em muitas sociedades antigas a pessoa humana não era sistematicamente respeitada enquanto tal. Era o cidadão que era reconhecido e não o homem (a emancipação dos escravos tendia para esse reconhecimento...). O cristianismo conduziu a uma mudança de perspectiva: *«Pois todos os que fostes baptizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo mediante a fé. Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre...»* (Gal 3, 27-28). Deus enviou o seu Filho para o meio de nós para nos ensinar, pela sua palavra e exemplo de vida, a respeitar a vida humana.

Basear a sua vida sobre este amor absoluto pelo outro, criado à imagem de Deus, foi desde sempre um combate para o homem. Os avanços e recuos são inerentes à sua natureza imperfeita.

É aí que o discernimento individual, com o apoio do Espírito, iluminado pelas Escrituras e pelos ensinamentos da Igreja, ganha todo o sentido. Este trabalho de discernimento ocorre na consciência de cada um, “santuário” de todas as decisões morais.

Ainda hoje, o homem, confrontado com a complexificação crescente das evoluções, não apenas biológica, mas económica e política do mundo, é levado a procurar garantir que os progressos que acompanham o caminho percorrido por toda a sociedade permaneçam conciliáveis com o respeito pela pessoa humana. O dom da vida, que Deus confiou ao homem, abriga-o a tomar consciência do seu valor inestimável e a assumir a correspondente responsabilidade. Não nos deixemos ser tomados por um sentimento de impotência porque, tal como nos convida o Papa Francisco (A alegria do Evangelho, nº 109), «os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança...».

III - Documentos de reflexão

Impedir a nossa humanidade de se tornar desumana

Escutamos o aviso de Jesus para «interpretar os sinais dos tempos» (Lc 12, 54-56), ou seja, para fazer um esforço de inteligência e de razão para compreender os tempos actuais em vez de nos submetermos a eles e, compreendendo-os, medir as nossas responsabilidades, se acreditamos que a palavra de Deus deve ser encarnada na nossa humanidade e impedir que se torne desumana... Em todos os tempos, e, portanto, também nestes tempos incertos do segundo decénio do século XXI, somos chamados a um trabalho de discernimento inteligente.

... Sem qualquer dúvida, é possível diagnosticar uma crise da racionalidade instrumental e calculista, essa que brinca com os números e as quantidades e que, por vezes, tem tendência para tratar a pessoa humana de acordo com as mesmas lógicas implacáveis – de resto legítimas na sua ordem – da rentabilidade e da concorrência.

É um apelo tanto do coração como da razão que escutamos de todos os lados: «Acabemos com essas fugas para a frente que esmagam a actividade humana! É essa dignidade que é necessário, a todos os títulos, reabilitar verdadeiramente! E tudo isto tanto é válido para o embrião no ventre da sua mãe, para o idoso ou o doente no fim da vida, como para esses homens e mulheres em risco de serem manipulados como objectos ou como piões exclusivamente em função dos imperativos da rentabilidade técnica ou das leis de um mercado sem controlo».

... O que nos é pedido é que participemos, com os nossos próprios recursos, nesse combate permanente pelo respeito pela pessoa humana, por uma prática decidida da solidariedade e, também, por um desenvolvimento enraizado e duradouro. E este combate, mesmo que implique a nossa especificidade de discípulo de Cristo, não pode deixar de nos juntar a todos aqueles que recusam, consciente ou inconscientemente, desprezar os humilhados e todos os que ficam à beira do caminho e, ainda, a manipulação do medo perante todos os tipos de ameaças, mais ou menos imaginárias, vindas do exterior.

É do interior da nossa fé cristã no Deus da Aliança e da Salvação que participamos no debate político actual... E se há uma crise da racionalidade, é nossa responsabilidade reabilitar a razão política, essa que se interroga sobre as escolhas a fazer tendo em vista favorecer o bem comum, quer dizer, tudo o que impede a divisão e a fuga e tudo o que favorece os actos de confiança e de solidariedade, bem no âmago das fracturas da nossa sociedade.

Monsenhor Claude Dagens, da Academia Francesa – Bispo de Angoulême
Católicos e presentes na Sociedade francesa – Fée m Deus e Democracia – Bayard – Abril 2012

O respeito pela dignidade humana: objectivo de toda a sociedade cristã

Na realidade o homem tem valor pelo que é e não apenas pelo que tem ou pelo que faz. O homem merece ser amado e respeitado pelo que vive e não pelo que possui. A sua dignidade está com toda a justiça ligada ao facto de ser uma pessoa. Consequentemente, enquanto for vivo cada homem preservará para sempre a sua honra; mesmo que seja pobre ou esteja doente, mesmo que **A fé não se deve opor à pesquisa científica e racional** cometa falhas ou seja delinquente. A pessoa humana nunca perde a sua grandeza original e ninguém a pode tirar. O homem permanece sempre o princípio e o fim da sociedade civil. Essa é a razão pela qual – como salienta o Concílio Vaticano II - «... *tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não-crentes*». (1) ...

A sociedade é uma comunidade de pessoas que se relacionam entre si, não é um rebanho de indivíduos anónimos ao lado uns dos outros e em que cada um apenas pensa em si mesmo: sem responsabilidade social não há liberdade pessoal. O bem comum não é o valor total dos bens individuais, mas sim o bem de todos e de cada um. «A natureza social do homem torna claro – confirma o Concílio - que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência. Com efeito, a pessoa humana, uma vez que, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais. Não sendo, portanto, a vida social algo de adventício ao homem, este cresce segundo todas as suas qualidades e torna-se capaz de responder à própria vocação, graças ao contacto com os demais, ao mútuo serviço e ao diálogo com seus irmãos» (2). O papel dos cristãos é, mais uma vez, determinante. A revelação cristã vem de novo em nosso auxílio. A solidariedade é necessária, mas aderir a ela de forma puramente legal não é suficiente: «... em nome de uma pretensa justiça (por exemplo histórica ou de classe), muitas vezes se aniquila o próximo, se mata, se priva da liberdade e se despoja dos mais elementares direitos humanos. A experiência do passado e do nosso tempo demonstra que a justiça, por si só, não basta e que pode até levar à negação e ao aniquilamento de si própria, se não se permitir àquela força mais profunda, que é o amor plasmar a vida humana nas suas várias dimensões» (3).

- 1) Concílio Vaticano II, Constituição pastoral Gaudium et Spes N°12
- 2) Concílio Vaticano II, Constituição pastoral Gaudium et Spes N°25
- 3) João Paulo II, Dives in misericordia (1980) N12

Bartoloméo Sorge S.I. Roma

22 janeiro 2009 – 2º encontro internacional dos responsáveis regionais das Equipas de Nossa Senhora

Ofensa à dignidade da pessoa humana: ofensa feita a Deus

É na sequência da criação que a adoração e a adesão a Deus se relacionam com o respeito pelo homem, «imagem de Deus», que ele instituiu seu parceiro, corresponsável com ele pela sua própria vida, pela vida dos outros e pelas realidade cósmicas e ambientais. O respeito pela liberdade de consciência de todo o homem, que pressupõe em primeiro lugar o respeito pela liberdade religiosa e simultaneamente a recusa de toda a violência, é intrínseca a essa concepção. Parece-me, por consequência, que a própria natureza da religião em geral e da religião cristã e católica em particular coloca três exigências fundamentais e prévias para que se estabeleça uma relação correcta entre fé e lei.

Para começar, a exigência antropológica, isto é, a exigência de uma concepção do homem que reclama o respeito pela dignidade de toda a pessoa humana. Por um lado, a ofensa feita à dignidade do homem, mesmo se motivada por um sentido religioso mal interpretado, é uma ofensa feita a Deus; por outro lado, a

homenagem prestada a Deus deve ser concretizada no respeito pelo homem criado à Sua imagem e semelhança. Claro que o respeito pelo homem não deve ser entendido num sentido redutor, isto é, apenas como respeito pela sua consciência, mas também, e antes de mais, como respeito pela sua vida desde o primeiro instante da sua existência enquanto fundamento de todos os outros bens humanos.

A segunda exigência é de ordem epistemológica: a fé não se deve opor à pesquisa científica e racional, mas deve orientar o sentido dessa pesquisa, tendo em consideração os fins do homem e o respeito pela sua dignidade. De forma idêntica, a ciência deve respeitar o papel próprio da fé e a realização dos valores humanos inerentes à dignidade transcendente do homem: ignorar os valores próprios da dimensão espiritual e moral da pessoa contrariaria a harmonia do saber e constituiria uma manifestação de integrismo e de intolerância muito mais do que de laicidade. Com efeito, a verdadeira laicidade respeita e tem em consideração a pluralidade e a harmonia dos saberes e dos valores.

A terceira exigência é o princípio da aceitação do sistema democrático. O direito à liberdade-responsabilidade deve ser garantido a todo o ser humano, num clima de diálogo e de convicção e a possibilidade de desacordo deve ser assegurada quando estão em jogo valores morais fundamentais. É ainda necessário tornar claro aqui que, para o Estado, é precisamente o sistema democrático enquanto tal que exige o dever de defender a vida de todos os homens e de criar as condições para o desenvolvimento de qualquer pessoa na justiça e na solidariedade.

Elio Sgreccia – Membro do Conselho Pontifical para a Família – Léxico

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

No nosso casal, o respeito pelo outro (cônjuge e filhos) está suficientemente presente? Como se manifesta?

Muitas vezes o amor pode reduzir-se a querer possuir o outro. Em que medida é assim no nosso casal, na nossa família? Como ultrapassar esta dificuldade?

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

Que situações vivemos este mês que nos conduziram, tal como nos convida Monsenhor Dagens, a «reabilitar verdadeiramente a sua dignidade de pessoa humana»?

Oração

«Chegaram a Jericó. Quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, o filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. E ouvindo dizer que se tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar e a dizer: «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!» Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais: «Filho de David, tem misericórdia de mim!». Jesus parou e disse: «Chamai-o.» Chamaram o cego, dizendo-lhe: «Coragem, levanta-te que Ele chama por ti.» E ele, atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe: «Que queres que te faça?» «Mestre, que eu veja!» - respondeu o cego. Jesus disse-lhe: «Vai, a tua fé te salvou!» E logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho. (Mc 10, 46-52)

Partilha - Algumas pistas

Os pontos concretos de esforço, uma ajuda para melhor seguir a Cristo que nos ensina a lançar sobre o nosso próximo um olhar renovado; um olhar que pede que alguma coisa mude...

Vivemos os pontos concretos de esforço como obrigações vinculativas ou como uma ajuda para nos humanizarmos mais em cada dia que passa?

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

Sentimos a nossa responsabilidade de cristãos comprometidos perante os atentados à dignidade humana? De que forma pensamos ser sensato reagir?

Jean Vannier pensa que *«nas nossas sociedades, confundimos muitas vezes o bem com o sucesso»*. Esta confusão não nos leva por vezes a ver o outro pelo que ele representa e não pelo que ele é; a tomar o outro não como um fim mas como um meio...?

No debate pelo respeito absoluto e primordial pela vida humana, é concebível que o aliviar das dores físicas ou morais que resultam de uma doença grave ou prolongada possa ultrapassar o respeito pela vida?

Salmo 139 (138)

Se disser: «Talvez as trevas me possam esconder,
ou a luz se transforme em noite à minha volta»,
nem as trevas me ocultariam de ti
e a noite seria, para ti, brilhante como o dia.
A luz e as trevas seriam a mesma coisa!

Tu modelaste as entranhas do meu ser
e formaste-me no seio de minha mãe.
Dou-te graças por tão espantosas maravilhas;
admiráveis são as tuas obras.

Quando os meus ossos estavam a ser formados,
e eu, em segredo, me desenvolvia,
tecido nas profundezas da terra,
nada disso te era oculto.

Os teus olhos viram-me em embrião.
Tudo isso estava escrito no teu livro.
Todos os meus dias estavam modelados,
ainda antes que um só deles existisse.

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°5

O pobre, amado por Deus

I – Palavra de Deus

«Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus!»

Certo chefe perguntou-lhe, então: «Bom Mestre, que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?». Respondeu-lhe Jesus: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus. Tu sabes os mandamentos: Não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe.». Ele retorquiu: «Tudo isso tenho cumprido desde a minha juventude.». Ouvindo isto, Jesus disse-lhe: «Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me.». Quando isto ouviu, ele entristeceu-se, pois era muito rico. Vendo-o assim, Jesus exclamou: «Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus! Sim, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!». Os que o ouviram disseram: «Então, quem pode salvar-se?». Jesus respondeu: «O que é impossível aos homens é possível a Deus.» (Lc 18, 18-27).

Uma tragédia e um chamamento à esperança.

Tragédia: Tudo começa bem. A uma questão fundamental, «como alcançar a vida eterna», Jesus responde com o chamamento universal à santidade: observar os mandamentos é o itinerário privilegiado para viver com Deus. A insistência do homem importante (em Marcos é um jovem) é notável. Ele cumpriu todas as regras desde a juventude, quer ainda mais. De facto, poderia tornar-se um discípulo admirável de Jesus e, pela sua pregação, conduzir muitos outros para o Senhor. Depois de oferecer a este homem a vocação comum (observar os mandamentos), Jesus convida-o a uma vocação particular: a pobreza para o seguir. Tragédia: a sua riqueza fá-lo parar. A sua riqueza na terra toca-o muito de perto. O tesouro do céu toca-o de muito longe.

Cada um de nós pode reler a sua vida..., ou recordar-se dos que se afastam de Deus. O ideal é demasiado elevado? «Quem pode ser salvo?» Vem o apelo à esperança. Jesus responde aos discípulos que, eles sim, tendo deixado tudo, ficam tristes com Jesus por causa desta dolorosa separação: «O que é impossível aos homens é possível a Deus». Palavra fulgurante! Não estamos perante um ideal inatingível mas diante de um chamamento de Deus que nos dará tudo para que o possamos seguir até ao fim.

II - Apresentação do capítulo «O pobre, amado por Deus»

Discernir os sinais dos tempos é reconhecer o pobre como verdadeiro actor na sociedade

A forma como olhamos para a pobreza tem evoluído ao longo dos séculos. Nos finais da Idade Média, a irrupção do dinheiro como instrumento de medida da riqueza arrasta a discriminação do pobre dentro da sociedade. Progressivamente, os pobres são muitas vezes vistos como pessoas que incomodam. A sociedade do século XIX remete-os para a condição de assistidos. O que dá está a um nível superior ao que recebe e a caridade expressa-se no seu essencial pelo domínio do rico sobre o pobre. Santo Agostinho tinha já revelado de forma contundente as nossas motivações profundas: *«ao servires um infeliz, talvez queiras elevar-te diante dele e queiras que ele fique obrigado para contigo, ele que é a razão de ser da tua boa acção. Ele precisava, tu deste-lhe uma parte dos teus bens: porque lhe deste, pareces superior àquele a quem dás»*.

Portanto, neste contexto, não poderíamos esquecer tantos cristãos que procuraram dar testemunho da caridade de Deus: S. Vicente de Paula, S. João Batista de Sales, S. Carlos Borromeu, S. António de Pádua, S. Martinho de Porrès, os Hospitais das Misericórdias¹, as numerosas congregações religiosas...

O alastrar da recente crise económica internacional confere ao tema da pobreza uma nova acuidade, ao mesmo tempo que a sociedade da informação lhe dá uma visibilidade muito maior. Os movimentos sociais transnacionais, os bloguistas, os indignados, ao denunciar o carácter insustentável das injustiças sociais têm uma grande participação nessa visibilidade e fazem emergir uma nova forma de olhar para o pobre. A preocupação em ver a pessoa para lá da aparência, de trabalhar com os pobres e não para os pobres, de os reconhecer como verdadeiros actores da sociedade, surge hoje como um dado incontornável para recriar o tecido social. Como dizia Jean-Marie Ploux, padre missionário no estrangeiro : *«a revelação cristã não se faz de cima para baixo; não pela força, mas pela fraqueza partilhada; não pela dominação, mas pelo serviço»* (*).

(*)Jean-Marie Ploux – Agir et résister en chrétiens – Ed. de l’Atelier

III - Documentos de reflexão

Ver, pensar e agir no mundo em função do vulnerável...

«Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes...»

Quem poderia ter feito uma afirmação tão revolucionária? É evidente a relação entre uma verdadeira inversão de valores que poderíamos dizer existir neste canto de acção de graças da doce Virgem Maria que encontramos no Evangelho de Lucas (Lc 1, 52) e a atitude de Jesus que se junta a todos os que estavam mais abaixo. Ora não há nada nas acções de Jesus que pudesse chocar os judeus do seu tempo, excepto que isso os levava a transgredir as barreiras do puro e do impuro sobre as quais repousava a identidade de Israel e a sua resistência às influências estrangeiras: tanto as da cultura grega, como as da dominação romana. Isso valeu-lhe a inimizade dos mestres do templo e a morte.

...Assim, a revelação cristã de Deus não se faz a partir de cima mas sim a partir de baixo; não pela força dominadora, mas sim pela fraqueza partilhada, não pela dominação, mas sim pelo serviço. S. Paulo, depois da conversão, irá concluir quanto às consequências: *«Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte. O que o mundo considera vil e desprezível é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são alguma coisa»* (1Cor 1, 27-28).

¹ No tema original é referido o Hôtel-Dieu, ou seja, aquele que é considerado o mais antigo hospital da cidade de Paris, França, que terá sido fundado por São Landérico de Paris no século VII.

Enuncia-se aqui o critério sem dúvida mais fundamental do agir cristão: ver, pensar a agir no mundo em função do insignificante, do sociedade, começando por onde o periferias da existência e não, como centros de decisão e de poder... é categórico.

Perguntemos-lhes o que têm para dar em vez de lhes prestar assistência

vulnerável e do frágil na Papa Francisco chama as sempre se faz, a partir dos um imperativo evangélico

João Paulo II... queria ser a voz dos sem voz, «a voz dos que não podem falar e dos que estão reduzidos ao silêncio». Mas é um imperativo para todo o cristão ser solidário com os irmãos mais vulneráveis do planeta. Contudo, antes de ser voz dos sem voz, será necessário fazer tudo para que possam ter a palavra e dizer eles próprios o que têm a dizer. É, desde a sua fundação, o percurso das comunidades de Emaús e do ADT Quart-Monde²... Que os pobres e os excluídos possam dizer... e ser escutados. Perguntemos-lhes o que têm para dar em vez de lhes prestar assistência.

Jean-Marie Ploux – Agir et résister en chrétiens – Ed de l’Atelier 2013 - p93-95

Uma atenção amorosa dedicada ao pobre...

199. O nosso compromisso não consiste exclusivamente em acções ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de activismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro «considerando-o como um só consigo mesmo»¹⁶⁶. Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo de procurar efectivamente o seu bem. Isto implica apreciar o pobre na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé. O amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência: «Do amor, pelo qual uma pessoa é que lhe dê algo de graça.»¹⁶⁷. estimado como de alto valor»¹⁶⁸, opção pelos pobres de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível que «os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em casa”. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da Boa-Nova do Reino?»¹⁶⁹. Sem a opção preferencial pelos pobres, «o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a actual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta»¹⁷⁰.

A pior discriminação infligida aos pobres é a falta de atenção espiritual

agradável a outra, depende Quando amado, o pobre «é e isto diferencia a autêntica ideologia, de qualquer serviço de interesses pessoais

200. Dado que esta Exortação se dirige aos membros da Igreja Católica, desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária.

Papa Francisco – Exortação apostólica «A alegria do Evangelho»

Fazer «com os pobres» e não «para os pobres»

Na parábola do Samaritano (Lc 10), este vai socorrer o ferido porque «sente piedade» ou «se encheu de compaixão» ... O comportamento do sacerdote e do levita que, tendo os dois visto o ferido, passam ao largo leva a que nos interroguemos: o que os impediu de sentir a piedade que o Samaritano despertava?

² A ATD (Agir Tous pour la Dignité) Quart-Monde é uma ONG internacional que luta pelos direitos do homem, com o objectivo de garantir o máximo acesso de pobres ao exercício dos seus direitos e de progredir na erradicação da pobreza extrema.

Isto faz-nos reflectir sobre o que poderíamos convenientemente chamar de inibidores da piedade; toda uma série de argumentos recorrentes que, ao longo da história, nos persuadem a não prestar auxílio aos pobres ou então a fazê-lo apenas de forma extremamente limitada e controlada. Antes do século XIX, foram muito poucos os que defenderam que a pobreza poderia ter outras causas além das exclusivamente individuais... É também necessário mencionar uma crítica da piedade que denuncia uma atitude condescendente que destitui aquele que é objecto dessa piedade da sua autonomia e da sua dignidade...

A verdadeira piedade começa na lucidez e, em particular, no reconhecimento do círculo vicioso da miséria... Na miséria não se pode ser piedade exige ir auxiliar os como são e sustentando-os numa envolver. Isto poderia traduzir-se mas sim «fazer com» ...

**A verdadeira piedade
começa na lucidez**

um «bom pobre». A verdadeira miseráveis, acompanhando-os tal esperança de que eles se consigam numa fórmula: não «fazer para»,

Como já foi dito, os que vivem na miséria não têm a capacidade de se fazer ouvir. Precisam, portanto, de intérpretes e de defensores... Recordemos a figura de Job: esse pobre que perdeu tudo e a quem os amigos tentam persuadir de que foi ele próprio responsável pela sua infelicidade. E é este o grito de Job: «*Quem me dera que as minhas palavras se escrevessem e se consignassem num livro, ou fossem gravadas com estilete de ferro...*» Job 19,23-24. Com efeito, quando virá aquele que vai defender a sua causa? Ora, quem assume a defesa de Job, envolvendo Deus nessa defesa, é precisamente o autor do livro de Job... Assim, pelo simples facto de ter havido esta defesa, este grito, que é o grito de qualquer homem na miséria, não foi esquecido e jamais o poderá voltar a ser.

Da mesma forma, todos os que estão na miséria necessitam de alguém que faça escutar o seu grito..., leve a sua causa à consciência de todos e a defenda no debate público. Embora tenha sido possível a Jesus dizer que teremos sempre pobres entre nós (Mt 26, 11), não foi para nos incitar a baixar os braços mas sim para nos recordar que é uma tarefa que tem de ser continuamente recomeçada para ajudar os pobres a saírem das margens para onde a sociedade os quer empurrar. Mas, para tanto, é necessário ter as consciências em alerta, fazer progredir o sentimento de urgência e fortalecer a determinação colectiva.

O grito que resulta das situações de angústia interroga-nos, desafia-nos a transformar a piedade na imaginação do possível.

Bernard Rordorf – Professor Honorário da Faculdade de Teologia de Genève -
Jornadas sobre a mendicidade – Mendicidade, a esmola ou a piedade – 2 março 2012

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

Quem são os pobres na nossa vida?

Como poderia o nosso casal ser «*a voz dos que não têm voz...*», tal como nos convida JM Ploux?

O nosso olhar sobre a situação dos pobres na nossa sociedade actual. Como agir com eles? Como nos podemos converter?

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

Durante o mês que passou, como olhámos para os nossos irmãos mais desfavorecidos?

Como soubemos mostrar que temos tido com eles uma «atenção espiritual»?

Oração

Certo chefe perguntou-lhe, então: «Bom Mestre, que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?». Respondeu-lhe Jesus: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus. Tu sabes os mandamentos: Não cometerás adultério, não matarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe.». Ele retorquiu: «Tudo isso tenho cumprido desde a minha juventude.». Ouvindo isto, Jesus disse-lhe: «Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me.». Quando isto ouviu, ele entristeceu-se, pois era muito rico. Vendo-o assim, Jesus exclamou: «Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus! Sim, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!». Os que o ouviram disseram: «Então, quem pode salvar-se?». Jesus respondeu: «O que é impossível aos homens é possível a Deus.» (Lc 18, 18-27).

Partilha - Algumas pistas

Lugar para os pobres na nossa regra de vida.

A escuta da palavra mostra-nos um Deus que se preocupa com o pobre, com a viúva, com o órfão, com os doentes. Toda a vida humana tem um preço...

O Papa Francisco declara: «é tempo de rezar...»

A oração, fonte de humildade: todos somos pobres diante de Deus

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

Ver, pensar e agir no mundo em função do «insignificante, do vulnerável e do frágil» na nossa sociedade.

O Papa Francisco faz apelo nos seus votos a uma «Igreja pobre para os pobres».

Bernard Rordorf convida-nos a fazer «com os pobres» mais do que «para os pobres».

Salmo 131 (130)

SENHOR, o meu coração não é orgulhoso,
nem os meus olhos são altivos;
não corro atrás de grandezas
ou de coisas superiores a mim.

Pelo contrário, estou sossegado e tranquilo,
como criança saciada ao colo da mãe;
a minha alma é como uma criança saciada!

Israel, espera no Senhor,
desde agora e para sempre!

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°6

Estar presente para o outro

I – Palavra de Deus

«Recebe-o como a mim próprio»

Paulo, prisioneiro por causa de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a Filémon, nosso querido colaborador, ... prefiro pedir como aquele que sou: Paulo, um ancião e, agora, até prisioneiro por causa de Cristo Jesus... Peço-te pelo meu filho, que gerei na prisão: Onésimo, que outrora te era inútil, mas agora é, para ti e para mim, bem útil. É ele que eu te envio: ele, isto é, o meu próprio coração. Eu bem desejava mantê-lo junto de mim, para, em vez de ti, se colocar ao meu serviço nas prisões que sofro por causa do evangelho. Porém, nada quero fazer sem o teu consentimento, para que o bem que fazes não seja por obrigação, mas de livre vontade. É que, afinal, talvez tenha sido por isto que ele foi afastado por breve tempo: para que o recebas para sempre, não já como escravo, mas muito mais do que um escravo: como irmão querido; isto especialmente para mim, quanto mais para ti, que com ele estás relacionado tanto humanamente como no Senhor. Se, pois, me consideras em comunhão contigo, recebe-o como a mim próprio. E se ele te causou algum prejuízo ou alguma coisa te deve, põe isso na minha conta. Sou eu, Paulo, que o escrevo pela minha própria mão: serei eu a pagar. Isto, para não te dizer que me deves a tua própria pessoa. Sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo...

Epístola de S. Paulo a Filémon

Paulo convida Filémon a olhar para Onésimo já não como um escravo que foi mas antes como um irmão bem-amado no Senhor. «No Senhor»: esta realidade altera todas as relações humanas.

Paulo, tal como o Novo Testamento, não diz nada sobre a escravatura como instituição social. É um facto. O que importa a Paulo não é tanto pôr em causa as instituições mas sim reformá-las «a partir de cima», pelo amor que vem de Cristo. O Filho de Deus, pela sua encarnação, pela sua morte e pela sua ressurreição, faz de nós todos filhos de um mesmo Pai, faz-nos irmãos. Esta igualdade fraternal altera tudo: «Já não há Judeu, nem Grego...» (Ga 3, 24).

As consequências são relevantes. À mesa eucarística todos são admitidos ao mesmo alimento, o Corpo e o Sangue de Cristo. Na história da humanidade, a igualdade na prática religiosa começou com a Ceia do Senhor. É um dos maiores milagres da religião cristã. A abolição da escravatura (que afinal ainda existe em tantos países!) tem a sua origem em Cristo. O poder da fé no Senhor que actua no curso da história!

II - Apresentação do capítulo «Estar presente para o outro»

Discernir os sinais dos tempos é saber utilizar os meios de comunicação modernos para nos tornarmos, ultrapassando todas as fronteiras, o próximo dos nossos irmãos e fazer nascer uma autêntica cultura de encontro.

Deus fez-se homem em Jesus para nos ajudar a ir ao Seu encontro através dos nossos irmãos. Temos, portanto, de observar de que forma Jesus se relaciona com os homens para melhor compreender e pôr em prática o mandamento do Senhor, tão frequentemente comentado pelo P. Caffarel: *«Amái-vos uns aos outros como Eu vos ameí»*. Jesus Cristo vê o outro como uma imagem de Deus, quaisquer que sejam a sua condição e o seu percurso, excepto para fazer face aos escribas e aos fariseus. A este propósito, esclarece: *«Porque, se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem já isso os cobradores de impostos? E, se saudais somente os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não o fazem também os pagãos?»** Por fim, na parábola do bom Samaritano, *«Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro.»***.

Hoje em dia, a mundialização, as redes sociais, o desenvolvimento das comunicações em geral, permitem um melhor conhecimento dos homens que nos rodeiam; é, no entanto, paradoxal constatar que, apesar desse desenvolvimento dos meios de comunicação, a maneira como olhamos para o outro continua muito superficial, diríamos mesmo falseado, não conduzindo a um verdadeiro encontro. Muitas vezes contentamo-nos a olhar sem sermos verdadeiramente *«tocados no nosso íntimo»* como aconteceu ao Samaritano quando viu o homem ferido, sendo que esta emoção é a primeira etapa para que a visão sensorial se torne um olhar do coração e nos leve a agir. Tiremos partido dos progressos técnicos para *«arrancar do vosso peito o coração de pedra e vos dar um coração de carne»* Ez 36, 26.

*Mt 5, 46-48

** Papa Francisco: Mensagem para a 48ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais – 24 janeiro 2014

III - Documentos de reflexão

Comunicar para se abrir ao outro

Quando a comunicação tem como fim predominante induzir ao consumo ou à manipulação das pessoas, encontramos-nos perante uma agressão violenta como a que sofreu o homem espancado pelos assaltantes e abandonado na estrada, como lemos na parábola. Naquele homem, o levita e o sacerdote não vêem um seu próximo, mas um estranho de quem era melhor manter a distância. Naquele tempo, eram condicionados pelas regras da pureza ritual. Hoje, corremos o risco de que alguns mass-media nos condicionem até ao ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real.

Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos mass-media não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos mass-media é só aparente: só pode constituir um ponto de referência quem comunica colocando-se a si mesmo

em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais.

Tenho-o repetido já diversas vezes: entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de auto-referencialidade, não hesito em preferir a primeira. E quando falo de estrada penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efectiva e afectivamente, alcançar. Entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: procuram uma salvação ou uma esperança. Também graças à rede, pode a mensagem cristã viajar «até aos confins do mundo» (Act 1, 8). Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos. Seremos nós capazes de comunicar o rosto dum Igreja assim?

*Somos chamados a
testemunhar uma Igreja
que seja casa de todos*

digitais, congestionadas de
homens e mulheres que
esperança. Também graças à
viajar «até aos confins do
das igrejas significa também abri-

Papa Francisco: Mensagem para a 48ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais

Saber escutar o seu próximo...

«Escutar, escutar sem julgar. É muito mais difícil do que se pensa. Escutar não é apenas uma atitude que se deve assumir quando um outro qualquer “fala comigo”; é uma outra atitude muito mais fundamental, permanente. Porque o ser humano é verbo e não apenas palavras; é comunicação e relação. Escutar é, então, permitir que o outro se possa exprimir.

E o que ele tem para dizer, eu não sei: este é um princípio fundamental. Ora a minha moral corre sem cessar o risco de fazer com que eu, pelo contrário, me permita julgar saber o que se passa com o outro. Autoriza-me a metê-lo “numa caixa” dentro do meu tabuleiro de xadrez mental: ele é isto ou aquilo. Posso, sem dúvida mostra-lhe a minha boa vontade ou compreensão: muitas vezes, depois de preenchida uma ficha, apenas fica uma classificação... “compreendido”! O que está aqui em causa é um acolhimento mais profundo: o que diz o outro, tenho de começar por escutá-lo. Poder dizer que estarei diante dele, pobre e sem posses, de uma pobreza essencial, sem armas.

*Escutar é, então, permitir
que o outro se possa exprimir*

eu, pelo contrário, me permita
outro. Autoriza-me a metê-lo
tabuleiro de xadrez mental: ele
dúvida mostra-lhe a minha boa

Não tenhamos ilusões: tenho um grande receio de que nunca consigamos atingir uma atitude assim em estado puro. Mas se, ao menos, tivermos qualquer coisa, se nos abirmos ao outro, com a nossa modesta contribuição, um espaço livre, um espaço onde ele possa ir por sua própria iniciativa. Porque deixa de começar por ser julgado; ele é o que é; e isso está fora do nosso alcance. No Evangelho, é impressionante ver como Cristo é livre em relação à “imagem recebida” que, à volta dele, se tem desta ou daquela pessoa. Imagem baseada, como é evidente, na “lei”. Para Cristo, pode dizer-se que os “impuros” não são “impuros”, os possuídos não são “possuídos”, os pecadores não são “pecadores”. Não porque Ele negue ou subestime a importância das infelicidades ou das faltas: apenas sucede que Ele não começa por conceber as pessoas através de uma grelha que as situaria nos seus lugares e bem longe, em função da sua “moralidade”. Elas são elas próprias.

Poderá, então, acontecer-nos perceber enfim que o que pensávamos ser orgulho ou agressividade era sofrimento; o que julgávamos indiferença era um apelo desesperado; o que tomávamos por recusa era um protesto contra a mentira; onde víamos queda afinal havia progresso».

Maurice BELLET, «L'inadmissible», in *Christus* 82 (abril 1974), 251-252.

Da exclusão ao encontro

Um encontro não é um exercício de poder. Não é também uma demonstração de generosidade onde se procuraria fazer o bem ao outro. Exige uma verdadeira humildade e uma profunda pobreza. Estar presente para o outro, escutá-lo e olhá-lo com respeito e atenção, permite receber em retorno. É comunhão de corações – um dom recíproco e gratuito. Ao longo da minha vida, apercebi-me de que muitas pessoas em grande dificuldade estavam de facto carentes destes verdadeiros encontros. Um dia, uma assistente de uma comunidade de l'Arche³ ... chegou no momento exacto de amparar, quando estava quase a morrer com uma overdose, um jovem que ela conhecia e que estava ligado ao meio da prostituição. Ele teve ainda tempo de lhe dizer: «tu nunca me aceitaste como sou. Tu quiseste mudar-me!». Esta mulher nunca tinha verdadeiramente feito o «encontro» com este homem. Como poderia ter-se tornado amiga de alguém enredado na droga e na prostituição? Como reconhecê-lo como uma pessoa profundamente ferida? Como revelar a essa pessoa a beleza desse alguém que se escondia por detrás da sua pobreza humana e da sua dependência?

Uma história semelhante diz respeito a um pai de família que me telefonou um dia com um pedido de socorro. Não sabia o que havia de fazer. O filho de quarenta anos era alcoólico. A mulher tinha-o deixado, tinha feito várias curas de desintoxicação mas, sempre que voltava para casa, recomeçava a beber. A resposta que lhe dei foi a seguinte: que começasse, em família, a falar desse filho não como quem fala de um problema mas sim de um encontro. Na vida, é reconhecer as nossas próprias fraquezas e a necessidade de sermos ajudados. Estes dois exemplos revelam como é difícil encontrar o que há de belo nas pessoas que estão «mesmo no fundo».

*O «verdadeiro» encontro
desarma: faz-nos reduzir à
nossa impotência*

homem que chora... O
desarma: faz-nos reduzir à
preciso sermos capazes de
fraquezas e a necessidade de

A história pessoal de cada um é frequentemente muito complexa, por vezes marcada pelos sofrimentos vividos dentro da família. Através de cada encontro verdadeiro vemo-nos expostos às nossas próprias fraquezas. Se, numa relação de beneficência, temos o poder na nossa mão, num encontro verdadeiro perde-se todo o poder e todo o saber preconcebido. Isto exige muita humildade e também que se cresça para um amor feito de sabedoria.

Nem sempre sabemos gerir as nossas emoções, os nossos impulsos agressivos ou afectivos, os nossos medos. Ora, cada um de nós sente os seus medos e frequentemente ignora o que é preciso dizer ou fazer. Começamos então a precisar dos outros: de uma comunidade, de profissionais, do Espírito Santo, etc. ..., capazes de nos transmitir palavras que tranquilizam e curam. O encontro faz-nos empobrecer e assumir a nossa própria pobreza. Este caminho abre-nos perspectivas extraordinárias: o encontro com o pobre, o humilhado e o rejeitado pode transformar-nos e fazer-nos descobrir o sentido profundo da nossa vida.

Jean Vanier - Fondateur de l'Arche (Organisation Internationale)
Les signes des temps à la lumière de Vatican II – Editions Albin Michel octobre 2012 p 61 à 65.

³ l'Arche é uma organização internacional que promove a organização de comunidades onde vivem pessoas com deficiências mentais e pessoas que com elas partilham a vida.

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

Como é que os meios de comunicação modernos alienam a nossa comunicação dentro do casal?

Na educação dos nossos filhos, respeitamos a sua identidade mesmo quando ela nos surpreende ou nos incomoda? A nossa autoridade de pais, guiada pelo amor, não se desvia por vezes para um simples desejo de sermos obedecidos?

Como nos diz Jean Vanier, cada um de nós, dentro do nosso casal, aceita reconhecer as suas próprias fraquezas e a sua necessidade de se ajudado? Que progressos tem cada um de nós a fazer nesta caminhada?

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

Na nossa vida quotidiana, em que é que os modernos meios de comunicação nos ajudaram durante este mês a estarmos mais ou melhor presentes ao outro?

Oração

Paulo, prisioneiro por causa de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a Filémon, nosso querido colaborador, ... prefiro pedir como aquele que sou: Paulo, um ancião e, agora, até prisioneiro por causa de Cristo Jesus... Peço-te pelo meu filho, que gerei na prisão: Onésimo, que outrora te era inútil, mas agora é, para ti e para mim, bem útil. É ele que eu te envio: ele, isto é, o meu próprio coração. Eu bem desejava mantê-lo junto de mim, para, em vez de ti, se colocar ao meu serviço nas prisões que sofro por causa do evangelho. Porém, nada quero fazer sem o teu consentimento, para que o bem que fazes não seja por obrigação, mas de livre vontade. É que, afinal, talvez tenha sido por isto que ele foi afastado por breve tempo: para que o recebas para sempre, não já como escravo, mas muito mais do que um escravo: como irmão querido; isto especialmente para mim, quanto mais para ti, que com ele estás relacionado tanto humanamente como no Senhor. Se, pois, me consideras em comunhão contigo, recebe-o como a mim próprio. E se ele te causou algum prejuízo ou alguma coisa te deve, põe isso na minha conta. Sou eu, Paulo, que o escrevo pela minha própria mão: serei eu a pagar. Isto, para não te dizer que me deves a tua própria pessoa. Sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo...

Epístola de S. Paulo a Filémon

Partilha - Algumas pistas

A nossa regra de vida leva-nos, tal como nos convida Maurice Bellet, a melhor «escutar e permitir que o outro se possa exprimir»?

Que leituras da Palavra nos guiam neste caminho?

Em que medida é que a nossa oração nos dá força para não «meter o outro numa caixa» e reconhecer as nossas fragilidades?

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

A aceitação da diferença, o acolhimento daquele «que não faz parte da nossa tripulação», do nosso país, da nossa cultura...

Na Igreja, o Papa, os bispos, convidam-nos a acolher os homossexuais e os feridos da vida. Qual é a nossa atitude pessoal?

Como pode evoluir a relação homem/mulher para construir uma sociedade mais respeitadora de cada um?

Salmo 107 (106)

Os que se fizeram ao mar nos seus navios,
para fazer comércio na imensidão das águas,
esses viram as obras do SENHOR
e as suas maravilhas no alto mar.

À sua palavra, soprou um vento de tempestade
e as ondas levantaram-se;
elevavam-se até aos céus e desciam às profundezas;
a sua vida desfalecia pelo enjoo.
Andavam e cambaleavam como ébrios
e toda a sua perícia se tornava inútil.

Mas, na sua angústia, clamaram ao SENHOR,
e Ele livrou-os das suas aflições.
Transformou a tempestade em bonança,
e as ondas do mar amainaram.
Alegaram-se, ao verem as ondas acalmadas,
e Deus conduziu-os ao porto desejado.

Dêem graças ao SENHOR, pelo seu amor
e pelas suas maravilhas em favor dos homens.
Aclamem-no na assembleia do povo
e louvem-no no conselho dos anciãos.

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°7

Ser discípulo de Cristo hoje

I – Palavra de Deus

«O Espírito do vosso Pai é que falará por vós»

«Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos; sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.

Tende cuidado com os homens: não deis-vos a entregar-vos aos tribunais e açoitarem-vos nas suas sinagogas; sereis levados perante governadores e reis, por minha causa, para dar testemunho diante deles e dos pagãos.

Mas, quando vos entregarem, não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nessa altura, vos será inspirado o que tiverdes de dizer.

Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é que falará por vós.»

Mateus 10, 16-20

Não nos podemos espantar. Seguir a Cristo hoje como ontem é perigoso. Se o Mestre conheceu a cruz, assim será também para o discípulo. Disso dão testemunho os mártires de hoje e de ontem. Jesus dá aqui três instruções aos discípulos que vão partir em missão. São também dirigidas a nós que atravessamos as adversidades, por vezes bem dolorosas, da vida.

Primeiro, a prudência, a brandura. Os lobos, e tantas outras dificuldades, andam à nossa volta, estão em nós. Nada de ataques frontais! Avançar sem provocar os demónios, antes pelo contrário deixá-los adormecidos. Não exagerar os nossos problemas é permanecermos livres.

Depois, a desconfiança. Se as perseguições acontecem «por causa do Senhor», sejamos desconfiados, procuremos não nos deixar impressionar. O testemunho está na nossa força, estabilidade, tranquilidade. Deus está aí.

Por fim, «o Espírito do vosso Pai é que falará por vós». É a palavra que ilumina a vida de todos os mártires e a vida de cada um de nós. No meio das provações, quaisquer que elas sejam, o Espírito repousa em nós, fala através de nós. Crer nesta presença, sentir esta força, é fonte de paz. A alegria é viver com Cristo, é segui-Lo.

Seremos sempre os discípulos de Cristo ressuscitado. Testemunho das provas ultrapassadas graças a ele.

II - Apresentação do capítulo «Ser discípulo de Cristo hoje»

Discernir os sinais dos tempos é, nas nossas sociedade incertas, saber estar atentos à verdade do que dizem os outros sem renunciar a dar testemunho da mensagem de Cristo.

Jesus, pela morte que aceitou e pela Sua ressurreição mostrou-nos que o amor é a lei fundamental, o fim último da nossa vida. A fé no filho de Deus é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com os outros. O ideal cristão convida a ultrapassar a falta de confiança e os comportamentos defensivos induzidos pelo mundo actual. Face à complexidade das nossas sociedades não devemos recusar-nos a dar testemunho. Com a graça de Deus para estimular a nossa imaginação, podemos dar mostras da nossa criatividade. Fazer escolhas iluminadas pelo Evangelho é difícil porque, mesmo que o ensinamento cristão pareça claro e sem ambiguidades, temos também de estar muito atentos à verdade do que dizem os outros e ter a preocupação de não ferir. Se não for escutada, a Palavra será apenas um *slogan*. Como nos diz Timothy Radcliffe: «*Temos de nos tornar o outro, entrar na sua imaginação e nos dilemas com que se confronta, antes de lhe transmitir o nosso ensinamento*».*

Alegria, misericórdia, paciência e perseverança são indissociáveis da mensagem evangélica; temos de encontrar a forma de comunicar mais adaptada às circunstâncias. Sem esperança e sem confiança nos desígnios de Deus nunca saberíamos ser discípulos de Cristo. O pessimismo contém as sementes da derrota, o sentimento de impotência é uma armadilha.

O que define o cristão não pode começar por ser a adesão a uma moral, mas sim a adesão à pessoa de Jesus Cristo, que não pára de nos maravilhar pela intensidade do Seu amor por nós e pelo próximo; por tudo isso dá sentido à existência. Quanto mais inscrevermos a palavra de Deus na vida, tanto mais poderemos contribuir para o crescimento da humanidade nas nossas sociedades.

* Pourquoi donc être chrétien ? – Flammarion - Champs-Essais - Nov.2010 p 59

III - Documentos de reflexão

O compromisso do cristão como discípulo de Cristo: construir a civilização do amor

551 *A presença do fiel leigo no campo social é caracterizada pelo serviço, sinal e expressão da caridade que se manifesta na vida familiar, cultural, profissional, económica, política, segundo perfis específicos: obtemperando às diversas exigências de seu particular âmbito de actuação, os fiéis leigos exprimem a verdade de sua fé e, ao mesmo tempo, a verdade da doutrina social da Igreja, que encontra a sua plena realização quando é vivida em termos concretos para a solução dos problemas sociais. A mesma credibilidade da doutrina social reside de fato no testemunho das obras, antes mesmo que na sua coerência e lógica interna^[1153].*

563 *Diante da complexidade do contexto económico contemporâneo, o fiel leigo se deixará guiar em sua acção pelos princípios do Magistério social. É necessário que ditos princípios sejam conhecidos e acolhidos na actividade económica mesma: quando estes princípios são ignorados, em primeiro lugar o da centralidade da pessoa humana, a própria qualidade da actividade económica fica comprometida^[1179].*

O empenho do cristão traduzir-se-á também no esforço de reflexão cultural voltada sobretudo para um discernimento concernente aos actuais modelos de desenvolvimento económico-social. A redução da

questão do desenvolvimento a um problema exclusivamente técnico produziria um esvaziamento de seu verdadeiro conteúdo que, na verdade, diz respeito à «dignidade do homem e dos povos»^[1180].

565 Para os fiéis leigos, o compromisso político é uma expressão qualificada e exigente do compromisso cristão ao serviço dos outros^[1183]. A persecução do bem comum em um espírito de serviço; o desenvolvimento da justiça com uma atenção particular para com as situações de pobreza e sofrimento; o respeito pela autonomia das realidades terrenas; o princípio de subsidiariedade; a promoção do diálogo e da paz no horizonte da solidariedade; são estas as orientações que os cristãos leigos devem inspirar a sua acção política. Todos os crentes, enquanto titulares de direitos e deveres de cidadãos, estão obrigados a respeitar tais orientações; aqueles que têm encargos directos e institucionais na gestão das complexas problemáticas da coisa pública, seja nas administrações locais, seja nas instituições nacionais e internacionais, deverão tê-los especialmente em conta.

A política é uma expressão qualificada e exigente do compromisso cristão

Compêndio da Doutrina Social da Igreja

O casal, discípulo de Cristo

Permitam-me que exprima o pensamento de Deus sobre o casal, à maneira de Péguy, o escritor francês tão esquecido hoje em dia.

Deus diz: «casal cristão, tu és o meu orgulho e a minha esperança. Quando criei o céu e a terra, e no céu os grandes luzeiros, vi nas minhas criaturas vestígios das minhas perfeições, e vi que isso era bom...

E no entanto não conseguia ver em parte alguma a imagem da minha vida mais secreta, mais ardente. Despertou então em mim a necessidade de revelar o melhor de mim mesmo: e essa foi a minha mais bela invenção.

Deus diz: «casal cristão, tu és o meu orgulho e a minha esperança

Foi assim que te criei, casal humano, «à minha imagem e semelhança» e vi que isso era muito bom.

No meio deste universo onde cada criatura é sinal da minha glória, celebra as minhas perfeições, tinha finalmente aparecido o amor para revelar o meu Amor.

Casal humano, minha criatura bem-amada, minha testemunha privilegiada, compreendes por que me és querida entre todas as criaturas, compreendes a esperança imensa que deposito em ti?

És portador da minha reputação, da minha glória, tu és para o universo a grande razão de ter esperança... porque tu és amor».

Olhemos de mais perto para a nossa missão de testemunhas de Deus. A melhor maneira de saldar a vossa dívida é viver sempre mais perfeitamente o vosso amor, fazer que ele faça brotar todas as suas virtualidades, que ele se manifeste fiel, feliz, fecundo.

É verdade que isto está acima das vossas próprias possibilidades: homem e mulher cedo constataram que o mal está no trabalho da casa. Têm, necessariamente, de recorrer à graça de Cristo, salvador do casal. Mas, por consequência, a vossa união torna-se testemunha de Deus salvador e não apenas do Deus criador. O vosso lar dará um testemunho de Deus de forma ainda mais explícita se for uma união de dois «que procuram a Deus», conforme a admirável expressão dos salmos. Dois que procuram, que têm a inteligência e o coração ávidos de conhecer, de encontrar a Deus. Apaixonados por Deus, impacientes por se unirem a ele... Esse lar não corre o risco de se tornar um gueto onde as pessoas se fecham para ficar ao abrigo das angústias do mundo: nele refazem-se as forças no amor mútuo, na oração e no repouso, para depois se

voltar a partir, com um ânimo novo, em direcção às grandes tarefas humanas como servidores do «Deus amigo dos homens». Os esposos cristãos são também, em pleno mundo, testemunhas do Deus vivo...

Gostaria de saber comunicar-vos a minha convicção de que um lar de pessoas «que procuram a Deus» neste nosso mundo em que as pessoas já não acreditam no amor é uma «teofania», uma manifestação de Deus, tal como foi para Moisés aquela sarça no deserto que ardia mas não se consumia.

P. Henri Caffarel – END Face à l'athéisme p. 144 e seguintes

Viver a fé de cada um

Não é importante quem possa dizer «Deus é amor». No entanto, esta afirmação não terá um sentido cristão senão quando se referir a uma comunidade onde as pessoas se amem, por muito imperfeito que seja esse amor e quaisquer que sejam as fraquezas. Se afirmamos que Jesus ressuscitou dos mortos mas não há nenhum sinal de ressurreição nas nossas vidas, podemos falar de ressurreição até à exaustão mas as nossas palavras serão desprovidas de sentido.

Lamentamo-nos frequentemente porque os jovens ignoram tudo sobre o cristianismo, mas seria perder o nosso tempo estar a produzir mais documentos de vídeo, programas de rádio ou de televisão, sem termos também o cuidado de fazer manifestamente da Igreja um local de liberdade, alegria e esperança. Devemos viver de acordo com o que proclamamos. A verdade conta, mas as nossas palavras não farão sentido se não forem encarnadas por comunidades que demonstrem como elas orientam para lá de nós mesmos, para Aquele que nos veio procurar e que nos deu a sua Palavra. Santo António de Pádua, pregador do século XIII, queixava-se de que a Igreja do seu tempo estava «cheia de palavras». As coisas não mudaram em nada. Continuamos a produzir toneladas de documentos e longos sermões aborrecidos, mas as pessoas, se não detectarem nas nossas vidas como que um sopro de liberdade, deformarão o Evangelho que anunciamos.

*A coragem é a virtude de
que mais necessitamos na
Igreja*

veio procurar e que nos deu a sua
pregador do século XIII, queixava-
estava «cheia de palavras». As
Continuamos a produzir
longos sermões aborrecidos, mas

A razão de ser do cristianismo é orientar para Deus, de o designar como sentido para a nossa vida. A esperança está suspensa da certeza de que a existência humana tem uma razão última de ser; se ela não existir, o cristianismo e todas as outras religiões são uma perda de tempo...

Deve ser agora claro que, para atingir a verdadeira liberdade e a verdadeira felicidade, isso exige de nós uma profunda transformação. A liberdade não se limita a podermos escolher entre diversas alternativas e a felicidade não é apenas uma agradável emoção. É uma forma de partilhar a vida de Deus, o que exige de nós uma espécie de morte e ressurreição. É assustador. Precisamos de ter coragem para deixar que este Deus próximo de nós nos liberte e encha de alegria... A coragem é a virtude de que mais necessitamos hoje na Igreja.

Timothy Radcliffe, Porquê então ser cristão ? – Flammarion Champs-Essai – Novembro 2010 – p. 12-14

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

Tal como nos convida o Padre Caffarel, como faz o nosso casal para que cada um faça «render os seus talentos»?

O nosso amor: fonte de alegria, optimismo e coragem nas nossas vidas.

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

No mês que passou, na nossa profissão, na nossa família, nos nossos compromissos, que acções nos permitiram viver e dar testemunho concreto da nossa fé?

Oração

«Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos; sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.

Tende cuidado com os homens: não-de entregar-vos aos tribunais e açoitar-vos nas suas sinagogas; sereis levados perante governadores e reis, por minha causa, para dar testemunho diante deles e dos pagãos.

Mas, quando vos entregarem, não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nessa altura, vos será inspirado o que tiverdes de dizer.

Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é que falará por vós.»

Mateus 10, 16-20

Partilha - Algumas pistas

A oração nos nossos compromissos de discípulos de Cristo: que fecundidade?

Que escolhas nos leva a fazer a nossa regra de vida para viver a mensagem de Cristo de forma mais coerente?

Como é que a oração nos ajuda a discernir nas nossas escolhas de vida?

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

Papel, missão e responsabilidade do cristão na cidade.

Lugar dado à esperança cristã na nossa aproximação às realidades do mundo, na nossa aproximação às outras religiões.

«Se as pessoas não detectarem nas nossas vidas como que um sopro de liberdade, deformarão o Evangelho que anunciamos». Troca de impressões acerca desta convicção de Timothy Radcliffe.

Salmo 91

É bom louvar-te, SENHOR,
e cantar salmos ao teu nome, ó Altíssimo!
É bom anunciar pela manhã os teus louvores,
e pela noite, a tua fidelidade,
ao som da lira e da cítara
e com as melodias da harpa.

Tu me alegraste, SENHOR, com as tuas grandes obras;
exulto com a obra das tuas mãos.
SENHOR, como são magníficas as tuas obras
e profundos os teus desígnios!

Os justos florescerão como a palmeira
e crescerão como os cedros do Líbano.
Plantados na casa do SENHOR,
florescerão nos átrios do nosso Deus.

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°8

A universalidade da mensagem de Cristo

I – Palavra de Deus

«Todos os gentios são admitidos à mesma herança»

Este mistério que não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, em gerações passadas, como agora foi revelado aos seus santos Apóstolos e Profetas, no Espírito: os gentios são admitidos à mesma herança, membros do mesmo Corpo e participantes da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho.

Dele me tornei servidor, pelo dom da graça de Deus que me foi dada, pela eficácia do seu poder.

A mim, o menor de todos os santos, foi dada a graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo e a todos iluminar sobre a realização do mistério escondido desde séculos em Deus, o criador de todas as coisas.

Ef 3, 5-9

A solenidade, a admiração, o entusiasmo nunca faltaram a Paulo. Aqui ele está fascinado. É um ponto alto. O mistério, escondido em Cristo, revela-se. Ele afirma-o com imenso respeito. «Este mistério é que todos os gentios são admitidos à mesma herança, membros do mesmo Corpo e participantes da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho». Um mistério? De forma alguma é incompreensível, mas sim inimaginável para um filho do povo de Israel: os pagãos terem acesso ao Santo dos Santos, ao âmago de tudo o que sustenta a fé, a vida do povo, têm acesso a junto do Pai. Já antes acontecera que «Pedro estava ainda a falar, quando o Espírito Santo desceu sobre quantos ouviam a palavra. E todos os fiéis circuncisos que tinham vindo com Pedro ficaram estupefactos, ao verem que o dom do Espírito Santo fora derramado também sobre os pagãos» (Act 10, 44-45). Os profetas, como Isaías, já haviam pressentido esta abertura aos pagãos. Paulo vê-o: todo o homem pode «em Cristo, mediante a fé nele, ter a liberdade e coragem de se aproximar de Deus com confiança» (Ef 3, 12).

Universalidade da mensagem de Cristo. O desejo do Pai é que todos os homens se salvem. Em Cristo, são apenas um. Não quer isto dizer que estejamos todos fundidos numa massa única, cada um permanece naquilo que é na sua originalidade. Uma vez tornados membros de Cristo, a vida do Ressuscitado circula em todos os recantos das nossas vidas. É a alegria do Pai.

A missão do cristão continua a ser sempre a de Paulo: «a todos iluminar sobre a realização do mistério». A alegria imensa de descobrir desde já – e depois na eternidade de Deus – as multidões dos povos permanecerem de pé diante do Pai, «o Criador de todas as coisas».

II - Apresentação do capítulo «A universalidade da mensagem de Cristo»

Discernir os sinais dos tempos é ver no fenómeno da globalização uma oportunidade de alargar a presença do Evangelho

Jesus anuncia em diversas ocasiões ao longo do Evangelho que veio para salvar todos os homens sem excluir nenhum. Tal como no tempo dos apóstolos, esta mensagem é incómoda para alguns, enquanto para outros esta universalidade da mensagem cristã tem razão de ser. Mas esta aceitação de um amor universal arrisca-se hoje em dia a ser diluída numa filantropia de contornos mal definidos. A universalidade assim vivida pode levar-nos a uma certa confusão entre o que chamamos amar todos os homens e uma espécie de solidariedade geral com esses mesmos homens que pode levar a um relativismo perigoso. De facto, este amor por todos leva-nos muito frequentemente, sob o pretexto de não querer magoar o outro, a renunciarmos a afirmar a nossa identidade de cristãos.

Porquê afirmar a nossa identidade de cristãos? Porque, segundo a palavra de Cristo, os cristãos têm a seu cargo uma imensa bênção para toda a humanidade; são portadores de uma boa nova e fermento de esperança. Temos o dever de fazer valer os sinais do reino aos olhos de todos, mas a revelação do Evangelho vai mais longe: Deus quer salvar todos os povos, todos os pagãos, todas as nações mas, sobretudo, Deus dirige-se a cada um de nós pessoalmente com a mesma intensidade com que se dirigiu a Israel ou a Abraão. O amor pessoal de Deus por cada um de nós está no cerne da nossa fé. É por isso que essa relação íntima, profunda e pessoal com Deus ilumina a nossa vida, nos alimenta e nos dá forças para anunciar o Evangelho a que todos os homens têm direito.

III - Documentos de reflexão

Novas oportunidades de evangelização no mundo de hoje

A nossa Igreja está viva e enfrenta, com a coragem da fé e o testemunho de tantos dos seus filhos, os desafios que a história nos coloca. Sabemos que devemos enfrentar no mundo uma dura luta contra «os Principados e os Poderes», «os espíritos do mal» (Ef 6, 12).

Não nos escondemos dos problemas que estes desafios apresentam, mas eles não nos assustam. Isto é válido antes de tudo para os fenómenos da globalização, que devem ser para nós oportunidades para uma dilatação da presença do Evangelho. Assim também as migrações — mesmo se com o peso dos sofrimentos que comportam e dos quais queremos estar sinceramente próximos com o acolhimento próprio dos irmãos — são ocasiões, como aconteceu no passado, de difusão da fé e de comunhão entre as variedades das suas formas. A secularização, mas também a crise da hegemonia da política e do Estado, pedem à Igreja que reconsidere a própria presença na sociedade, sem a isso renunciar. As muitas e sempre novas formas de pobreza abrem espaços inéditos ao serviço da caridade: a proclamação do Evangelho compromete a Igreja a estar com os pobres e a ocupar-se dos seus sofrimentos, como Jesus. Até nas formas mais ásperas de ateísmo e de agnosticismo sentimos que podemos reconhecer, mesmo se de formas contraditórias, não um vazio, mas uma saudade, uma expectativa que espera uma resposta adequada.

Face aos desafios que as culturas dominantes apresentam à fé e à Igreja renovamos a nossa confiança no Senhor, com a certeza de que também nestes contextos o Evangelho é portador de luz capaz de sanar qualquer debilidade do homem. Não somos nós que guiamos a obra da evangelização, mas Deus, como nos recordou o Papa: «A primeira palavra, a iniciativa e a actividade verdadeiras vêm de Deus e só inserindo-

nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, podemos tornar-nos nós também — com Ele e Nele — evangelizadores»

Bento XVI, Mensagem final ao Povo de Deus no Sínodo dos Bispos, Roma, 8 de Outubro de 2012

A salvação é oferecida a todos os homens

3. *Povos todos, abri as portas a Cristo!* O Seu Evangelho não tira nada à liberdade do homem, ao devido respeito pelas culturas, a tudo quanto de bom possui cada religião. Acolhendo Cristo, abris-vos à Palavra definitiva de Deus, Àquele no qual Deus se deu a conhecer plenamente e nos indicou o caminho para chegar a Ele.

8. O anúncio e o testemunho de Cristo, quando feitos no respeito das consciências, não violam a liberdade. A fé exige a livre adesão do homem, mas tem de ser proposta, já que «as multidões têm o direito de conhecer as riquezas do mistério de Cristo, nas quais toda a humanidade — assim o acreditamos nós — pode encontrar, numa plenitude inimaginável, tudo aquilo que procura, às apalpadelas, a respeito de Deus, do homem, do seu destino, da vida e da morte, da verdade (...)

10. A universalidade da salvação em Cristo não significa que ela se destina apenas àqueles que, de maneira explícita, crêem em Cristo e entraram na Igreja. Se é destinada a todos, a salvação deve ser posta concretamente à disposição de todos. É evidente, porém, que, hoje como no passado, muitos homens não têm a possibilidade de conhecer ou aceitar a revelação do Evangelho, e de entrar na Igreja. Vivem em condições sócio-culturais que o não permitem, e frequentemente foram educados noutras tradições religiosas.

42. O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres⁶⁹.

A primeira forma de testemunho é *a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial*, que torna visível um novo modo de se comportar. O missionário que, apesar dos seus limites e defeitos humanos, vive com simplicidade, segundo o modelo de Cristo, é um sinal de Deus e das realidades transcendentais. Mas todos na Igreja, esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e devem dar o mesmo testemunho⁷⁰, que é, em muitos casos, o único modo possível de se ser missionário.

O testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade a favor dos pobres, dos mais pequenos, e dos que sofrem. A gratuidade deste relacionamento e destas acções, em profundo contraste com o egoísmo presente no homem, faz nascer questões precisas, que orientam para Deus e para o Evangelho. Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem⁷¹.

Carta encíclica “Redemptoris missio” de João Paulo II

A catolicidade da Igreja é de Cristo

A catolicidade da Igreja é a de Cristo. É a natureza de Cristo que opera, uma vez que pode reunir ao mesmo tempo o homem com Deus e o homem com o homem. Dito de outra forma, a Igreja, em virtude da sua catolicidade, opõe-se a toda a discriminação, a toda a divisão, a todo o fechamento sobre si mesmo e até a tudo o que provoca a divisão, de onde quer que venha, quer seja do interior ou do exterior do homem.

As cores, as raças, os povos divididos, Cristo não os reúne apenas numa única forma de pensar e numa só fé, reúne-os num só corpo no sentido forte do termo, com tudo o que isso comporta de intimidade, de

compreensão e de amor. Também, a Igreja, que é o seu corpo místico pelo baptismo e pela eucaristia, se descobre ser o ponto de encontro de toda a humanidade, o único ponto de encontro para todos os povos, todas as nações, as raças, as línguas, as sensibilidades, aquela que dissolve todas as barreiras e desacordos. Todos se tornam assim um único grande corpo puro, um único espírito de intimidade e de amor, um único homem reconciliado que tem Cristo por cabeça, que assume tudo o que cada raça, cada povo, cada cor, cada língua possui como privilégios e como talentos, mas sem que isso envolva disputa ou discriminação. É exactamente isto que significa a «catolicidade» da Igreja.

Por que é então que a Igreja ainda não realizou plenamente esta catolicidade – ou melhor, por que não vive ainda plenamente sua natureza católica, da sua vida em Cristo, a o segredo da sua integridade divina? Ainda não se deu conta na sua pureza, na sua dimensão sobrenatural que ultrapassa toda a lógica e toda a inteligência humana.

A vontade de Cristo apenas pode aparecer quando cada um renuncia totalmente à sua própria vontade

no mundo de acordo com a que deveria ser a essência manifestação do seu poder, perfeição, da sua razão é simples e evidente. dos seus conceitos divinos

A vontade de Cristo apenas pode aparecer quando cada um renuncia totalmente à sua própria vontade. Quando cada um renuncia às suas paixões, aos seus ódios, submete o seu corpo e o seu espírito à obra do Espírito Santo, então, e só então, o corpo místico de Cristo se manifesta e actua dentro da Igreja para congregar os corações, os princípios e as ideias.

Padre Matta-El-Maskîne (Padre espiritual do mosteiro copta S.Macário, no Egipto)
La communion d'amour – Spiritualité Orientale N°55 – Abbaye de Bellefontaine

IV - Pistas para o Dever de se Sentar

Que importância atribuímos à oração conjugal na nossa vida de fé?

Em que medida essa oração constitui abertura do nosso casal ao mundo?

V – Durante a reunião

Pistas de reflexão para o pôr em comum

No nosso ambiente profissional, familiar e social, como se manifesta o nosso testemunho evangélico? Que características tem?

Oração

Este mistério que não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, em gerações passadas, como agora foi revelado aos seus santos Apóstolos e Profetas, no Espírito: os gentios são admitidos à mesma herança, membros do mesmo Corpo e participantes da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho.

Dele me tornei servidor, pelo dom da graça de Deus que me foi dada, pela eficácia do seu poder.

A mim, o menor de todos os santos, foi dada a graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo e a todos iluminar sobre a realização do mistério escondido desde séculos em Deus, o criador de todas as coisas.

Ef 3, 5-9

Partilha - Algumas pistas

Quanto mais nos aproximamos de Cristo, tanto mais recebemos a terra em herança. A oração: fonte de interioridade para melhor agir como filhos de Deus junto dos nossos irmãos em todo o mundo.

O Papa Francisco declara: «*Quando os cristãos não rezam, fecham a porta ao Senhor. Não rezar é isso mesmo: fechar a porta ao Senhor para que Ele nada possa fazer*». O que pensam acerca disto?

A regra de vida: presença de Cristo em nós, caminho para os outros.

A escuta da palavra, primeiros passos para dar testemunho da boa nova para todos.

Troca de ideias sobre o tema - Alguma pistas

Em que medida a escuta da Palavra e a iluminação do Espírito Santo nos ajudam a discernir sobre estas questões e a encontrar respostas adaptadas aos sinais dos tempos?

O alcance universal da mensagem cristã pressupõe que seja anunciada a todos os homens de boa vontade. O que representa para nós a «nova evangelização» no interior das nossas sociedades contemporâneas incertas que procuram e que se transformam?

«*O anúncio e o testemunho de Cristo, quando feitos no respeito das consciências, não violam a liberdade*» (João Paulo II). O que pensam acerca disto?

Como compreendemos e vivemos o pensamento de Maskine: «*a natureza católica de Cristo, o seu poder de unificar as naturezas diferentes de tal forma que vai para além das capacidades de cada uma delas*»?

Salmo 150

Aleluia!

Louvai a Deus no seu santuário;
louvai-o no seu majestoso firmamento!
Louvai-o pelos seus feitos valorosos;
louvai-o por todas as suas grandes proezas!

Louvai-o ao som da trombeta;
louvai-o com a harpa e a cítara!
Louvai-o com tambores e danças;
louvai-o com instrumentos de corda e flautas!

Louvai-o com címbalos sonoros;
louvai-o com címbalos vibrantes!
Tudo o que respira louve o SENHOR!

Aleluia!

Discernir os sinais dos tempos

Reunião N°9 – Reunião de balanço

O «dever de se sentar em equipa»

A metodologia do Dever de se Sentar não será a melhor maneira de fazer o balanço da nossa vida de equipa ao longo deste ano que acaba?

A pedagogia da escuta e do diálogo sob o olhar de Cristo irá, assim, acompanhar-nos durante as nossas trocas de opinião e poderá ajudar-nos a revelarmo-nos uns aos outros.

1- Escuta da Palavra

Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus; crede também em mim.

Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, como teria dito Eu que vos vou preparar um lugar?

E quando Eu tiver ido e vos tiver preparado lugar, virei novamente e hei-de levar-vos para junto de mim, a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também. E, para onde Eu vou, vós sabeis o caminho.»

Disse-lhe Tomé: «Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos nós saber o caminho?»

Jesus respondeu-lhe: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim. Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-lo.»

Disse-lhe Filipe: «Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta!»

Jesus disse-lhe: «Há tanto tempo que estou convosco, e não me ficaste a conhecer, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como é que me dizes, então, ‘mostra-nos o Pai’? Não crês que Eu estou no Pai e o Pai está em mim? As coisas que Eu vos digo não as manifesto por mim mesmo: é o Pai, que, estando em mim, realiza as suas obras.

...

o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós.»

«Não vos deixarei órfãos; Eu voltarei a vós!

Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós é que me vereis, pois Eu vivo e vós também haveis de viver.

Nesse dia, compreenderéis que Eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós».

Jo 14, 1-10 , 17-20

Tempo de silêncio e de oração depois da escuta da palavra

2- A nossa vida como equipistas

Soubemos ser verdadeiros durante a partilha, momento essencial da reunião de equipa? As pistas de reflexão propostas ajudaram-nos de alguma forma? Vivemos este ano os pontos de esforço não como obrigações mas sim como oportunidades de progredir na nossa vida cristã? Apoiámo-nos uns aos outros? Ajudaram-nos a convertermo-nos cada dia um pouco mais?

Meditámos convenientemente sobre o tema e preparámos as nossas reuniões mensais para que fossem mais ricas e frutuosas? Quais foram os pontos fortes e os pontos fracos nas nossas trocas de opiniões? A comunicação entre nós foi satisfatória? O estudo deste tema conduziu-nos a modificar o nosso olhar sobre a evolução do mundo? Desenvolveu em nós a consciência da nossa responsabilidade de cristãos nesta evolução?

Privilegiámos alguns momentos de fraternidade com a nossa equipa, fora das reuniões mensais? Esses momentos ajudaram a uma melhor compreensão entre nós?

3- As nossas relações com o Movimento

Constata-se que as equipas pouco solidárias do Movimento se estiolam e secam progressivamente, um pouco à maneira do ramo da videira: *«o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira»* (Jo 15,4).

Como estamos nas nossas relações com o Movimento?

Participámos nas diversas manifestações organizadas pelos nossos responsáveis? Que frutos colhemos delas?

4- Os espaços para o progresso

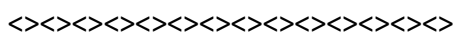
Fortalecidos pelas conclusões a que chegámos na sequência das questões anteriores, esforcemo-nos a procurar, sob o olhar benevolente de Cristo, os pontos que seria conveniente melhorar para viver mais verdadeiramente em equipa o carisma das ENS.

Ousemos estabelecer para a equipa e para cada um de nós objectivos precisos que nos empenharemos a respeitar ao longo do próximo ano.

5- Balanço final

Escutemos o Padre Caffarel quando fala do compromisso com as Equipas: *«...ninguém é obrigado a entrar ou a permanecer. Mas quem está empenhado deve ir a jogo honestamente ...»*.

Conscientes da nossa liberdade de filhos de Deus, mas também das exigências que o Movimento impõe a cada um segundo as suas possibilidades, escolhemos continuar no próximo ano o caminho que nos é proposto pelas Equipas de Nossa Senhora? Cada um dirá, com verdade, o que pensa sobre isto.



Oração Final

Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio,
agora e sempre.

Ámen.